

## **Os Timbiras, de Gonçalves Dias**

### **Fonte:**

DIAS, Gonçalves. Os Timbiras. In: *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro : José Aguilar, 1959. p.473-523.

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Roberto Dauar – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **OS TIMBIRAS Gonçalves Dias**

### Introdução

Os ritos semibárbaros dos Piagas,  
Cultores de Tupã, a terra virgem  
Donde como dum trono, enfim se abriram  
Da cruz de Cristo os piedosos braços;  
As festas, e batalhas mal sangradas  
Do povo Americano, agora extinto,  
Hei de cantar na lira.– Evoco a sombra  
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,  
Severo e quase mudo, a lentos passos,  
Caminha incerto, – o bipartido arco  
Nas mãos sustenta, e dos despídos ombros  
Pende-lhe a rôta aljava... as entornadas,  
Agora inúteis setas, vão mostrando  
A marcha triste e os passos mal seguros  
De quem, na terra de seus pais, embalde  
Procura asilo, e foge o humano trato.

Quem poderá, guerreiro, nos seus cantos  
A voz dos piagas teus um só momento  
Repetir; essa voz que nas montanhas  
Valente retumbava, e dentro d'alma  
Vos ia derramando arrojo e brios,  
Melhor que taças de cauim fortíssimo?!  
Outra vez a chapada e o bosque ouviram  
Dos filhos de Tupã a voz e os feitos  
Dentro do circo, onde o fatal delito  
Expia o malfadado prisioneiro,  
Qu'enxerga a maçã e sente a muçurana  
Cingir-lhe os rins a enodoar-lhe o corpo:  
E sós de os escutar mais forte acento  
Haveriam de achar nos seus refolhos  
O monte e a selva e novamente os ecos.

Como os sons do boré, soa o meu canto  
Sagrado ao rudo povo americano:  
Quem quer que a natureza estima e preza  
É gosta ouvir as empoladas vagas  
Bater gemendo as cavas penedias,  
E o negro bosque sussurrando ao longe —  
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,  
A fronte não cingi de mirto e louro,  
Antes de verde rama engrinaldei-a,  
D'agrestes flores enfeitando a lira;  
Não me assentei nos cimos do Parnaso,  
Nem vi correr a linfa da Castália.  
Cantor das selvas, entre bravas matas  
Áspero tronco da palmeira escolho.  
Unido a ele soltarei meu canto,  
Em quanto o vento nos palmares zune,  
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:  
As lágrimas do orvalho por ventura  
Da minha lira distendendo as cordas,  
Hão de em parte ameigar e embrandece-las.  
Talvez o lenhador quando acomete  
O tranco d'alto cedro corpulento,  
Vem-lhe tingido o fio da segure  
De puto mel, que abelhas fabricaram;  
Talvez tão bem nas folhas qu'engrinaldo,  
A acácia branca o seu candor derrame  
E a flor do sassafras se estrela amiga.

## CANTO PRIMEIRO

Sentado em sítio escuso descansava  
Dos Timbiras o chefe em trono anoso,  
Itajubá, o valente, o destemido  
Acoçador das feras, o guerreiro  
Fabricador das incansáveis lutas.  
Seu pai, chefe também, também Timbira,  
Chamava-se o Jaguar: dele era fama  
Que os musculosos membros repeliam  
A flecha sibilante, e que o seu crânio  
Da maça aos tesos golpes não cedia.  
Cria-se... e em que não crê o povo stulto?  
Que um velho piaga na espelunca horrenda  
Aquele encanto, inútil num cadáver,  
Tirara ao pai defunto, e ao filho vivo  
Inteiro o transmitira: é certo ao menos  
Que durante uma noite juntos foram  
O moço e o velho e o pálido cadáver.

Mas acertando um dia estar oculto  
Num denso tabocal, onde perdera  
Traços de fera, que rever cuidava,  
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.  
Mão d'imigo traidor a disparara,  
Ou fora algum dos seus, que receioso  
Do mal causado, emudeceu prudente.

Relata o caso, irrefletido, o chefe.  
Mal crido foi! — por abonar seu dito,  
Redobra d'imprudência, — mostra aos olhos

A traiçoeira flecha, o braço e o sangue.  
A fama voa, as tribos inimigas  
Adunam-se, amotinam-se os guerreiros  
E as bocas dizem: o Timbira é morto!  
Outras emendam: Mal ferido sangra!  
Do nome do Itajubá se despega  
O medo, – um só desastre venha, e logo  
Esse encanto vai prestes converter-se  
Em riso e farsa das nações vizinhas!  
Os manitós, que moram pendurados  
Nas tabas d’Itajuba, que as protejam:  
O terror do seu nome já não vale,  
Já defesa não é dos seus guerreiros!

Dos Gamelas um chefe destemido,  
Cioso d’alcançar renome e glória,  
Vencendo a fama, que os sertões enchia,  
Saiu primeiro a campo, armado e forte  
Guedelha e ronco dos sertões imensos,  
Guerreiros mil e mil vinham trás ele,  
Cobrindo os montes e juncando as matas,  
Com pejado carcaz de ervadas setas  
Tingidas d’urucu, segundo a usança  
Bárbara e fera, desgarrados gritos  
Davam no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado  
O rei das selvas a propor combate  
Dos Timbiras ao chefe. — “A nós só caiba,  
(Disse ele) a honra e a glória; entre nós ambos  
Decida-se a questão do esforço e brios.  
Estes, que vês, impávidos guerreiros  
São meus, que me obedecem; se me vences,  
São teus; se és o vencido, os teus me sigam:  
Aceita ou foge, que a vitória é minha.”

Não fugirei, respondeu-lhe Itajubá,  
Que os homens, meus iguais, encaram fito  
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.

Serás, pois que me afrontas, torna o bárbaro  
Do meu valor troféu, — e da vitória,  
Qu’hei de certo alcançar, despojo opimo.  
Nas tabas em que habito ora as mulheres  
Tecem da sapucaia as longas cordas,  
Que os pulsos teus hão de arrochar-te em breve;  
E tu vil, e tu preso, e tu coberto  
D’escárnio de d’irrisão! – Cheio de glória,  
Além dos Andes voará meu nome!

O filho de Jaguar sorriu-se a furto:  
Assim o pai sorri ao filho imberbe,  
Que, desprezado o arco seu pequeno,  
Talhado para aquelas mãos sem forças,  
Tenta doutro maior curvar as pontas,  
Que vezes três o mede em toda altura!

Travaram luta fera os dois guerreiros,  
Primeiro ambos de longe as setas vibram,  
Amigos manitós, que ambos protegem,  
Nos ares as desgarram, Do Gamela  
Entrou a fecha trêmula num tronco  
E só parou no cerne, a do Timbira,

Cicando veloz, fugiu mais longe,  
Roçando apenas os frondosos cimos  
Encontraram-se valentes: braço a braço,  
Alentando açodados, peito a peito,  
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe  
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Cena vistosa! quadro aparatoso!  
Guerreiros velhos, à vitória afeitos,  
Tamanhos campeões vendo n'arena,  
E a luta horrível e o combate aceso,  
Mudos quedaram de terror transidos.  
Qual daqueles heróis há de primeiro  
Sentir o egrégio esforço abandona-lo  
Perguntam; mas não há quem lhes responda.

São ambos fortes: o Timbira hardido,  
Esbelto como o tronco da palmeira,  
Flexível como a flecha bem talhada,  
Ostenta-se robusto o rei das selvas;  
Seu corpo musculoso, imenso e forte  
È como rocha enorme, que desaba  
De serra altiva, e cai no vale inteira  
Não vale humana força desprende-la  
Dali, onde ela está: fugaz corisco  
Bate-lhe a calva frente sem parti-la.

Separam-se os guerreiros um do outro,  
Foi dum o pensamento, – a ação foi d'ambos.  
Ambos arquejam, descoberto o peito  
Arfa, estua, eleva-se, comprime-se  
E o ar em ondas sôfregos respiram  
Cada qual, mais pasmado que medroso  
Se estranha a força que no outro encontra,  
A mal cuidada resistência o irrita.  
Itajubá! Itajubá! – os seus exclamam  
Guerreiro, tal como ele, se descora  
Um só momento, é dar-se por vencido  
O filho de Jaguar voltou-se rápido  
Donde essa voz partiu? quem no aguilhoa?  
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto  
E os olhos cor de sangue irados pulam

“A tua vida a minha glória insulta!  
Grita ao rival, e já de mais viveste.”  
Disse, e como o condor, descendo a prumo  
Dos astros, sobre o lhama descuidoso  
Pávido o prende nas torcidas garras,  
E sobe audaz onde não chega o raio...  
Voa Itajubá sobre o rei das selvas,  
Cinge-o nos braços, contra si o aperta  
Com força incrível: o colosso verga,  
Inclina-se, desaba, cai de chofre,  
E o pó levanta e atroa forte os ecos.  
Assim cai na floresta um tronco anoso,  
E o som da queda se propaga ao longe!  
O fero vencedor um pé alçando,  
Morre! – lhe brada – e o nome teu contigo!  
O pé desceu, batendo a arca do peito  
Do exânime vencido: os olhos turvos,  
Levou, a extrema vez, o desditoso  
Àqueles céus d'azul, àquelas matas,  
Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esqualido cadáver  
Sobre a cabeça, horrivelmente belo,  
Aos seus o mostra ensangüentado e torpe;  
Então por vezes três o horrendo grito  
Do triunfo soltou; e os seus três vezes  
O mesmo grito em coro repetiram  
Aquela massa enfim cõa nos ares;  
Porem na destra do feliz guerreiro  
Dividem-se entre os dedos as melenas,  
De cujo crânio marejava o sangue!

Transbordando ufania do sucesso  
Inda recente, recordava as fases  
Orgulhos o guerreiro! Ainda escuta  
A dura voz, inda a figura avista  
Desse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:  
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo  
Lhe cõa n'alma em fogo: longos olhos  
Em quanto assim medita, vai levando  
Por onde o rio, em tortuosos giros,  
Queixoso lambe as empedradas margens.  
Assim o jugo seu não escorjassem  
Tredos Gamelas co'a noturna fuga!  
Pérfidos!o herói jurou vingar-se!  
Tremei! qu'há de o valente debelar-vos!  
E em quanto segue o céu, e o rio, e as selvas,  
Crescem-lhe brios, força, — alteia o colo,  
Fita orgulhos a terra, onde não acha,  
Nem crê achar quem lhe resista; eis nisto  
Reconhece um dos seus, que pressuroso  
Corre a encontra-lo, — rápido caminha;  
Porém d' instante a instante, d'enfiado  
Volta o pávido rosto, onde se pinta  
O susto vil, que denuncia o fraco.  
— Ó filho de Jaguar — de longe brada,  
Neste aperto nos vale, — ei-los se avançam  
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,  
Como enredados troncos na floresta.

Tu sempre tremes, Jurucei, tornou-lhe  
Com voz tranqüila e majestosa o chefe.  
O mel, que em falas sem cessar distilas,  
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:

Amigos são talvez, amigas tribos,  
Algum chefe, que tem conosco as armas,  
Em sinal d'aliança, espedaçado:  
Vem talvez festejar o meu triunfo,  
E os seus cantores celebrar meu nome.

“Não!não! ouvi o som triste e sonoro  
Sas igaras, rompendo a custo as águas  
Dos remos manejados a compasso,  
E os sons guerreiros do boré, e os cantos  
Do combate; parece, d'irritado,  
Tão grande peso agora a flor lhe corta,  
Que o rio vai sorver as altas margens”.

E são Gamelas? — perguntou-lhe o chefe.  
“Vi-os, tornou-lhe Jurucei, são eles!”  
O chefe dos Timbiras dentro d'alma  
Sentiu ódio e vingança remorde-lo.

Rugiu a tempestade, mas lá dentro,  
Cá fora retumbou, mas quase extinta.  
Começa então com voz cavada e surda.

Irás tu, Jurucei, por mim dizer-lhes:  
Itajubá, o valente, o rei da guerra,  
Fabricador das incansáveis lutas,  
Em quanto a maçã não sopesa em quanto  
Dormem-lhe as setas no carcaz imóveis,  
Ofrece-vos liança e paz; – não ama,  
Tigre repleto, espedaçar mais presas,  
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.  
Três grandes Tabas, onde heróis pululam,  
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
Caídas a seus pés, a voz lhe escutam.  
Vós outros, atendei, – cortai nas matas  
Troncos robustos e frondosas palmas,  
E construí cabanas, – onde o corpo  
Caiu do rei das selvas, – onde o sangue  
Daquele herói, vossa perfidia atesta.

Aquela briga enfim de dois, tamanhos,  
Sinalai; por que estranho caminheiro,  
Amigas vendo e juntas nossas tabas,  
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:  
Vejo um povo de heróis e um grande chefe!

Disse: e vingando o cimo d'alto monte,  
Que em roda largo espaço dominava,  
O atroador membi soprou com força.  
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,  
Convertem-se em guerreiros.-- mais depressa,  
Quando soa o clarim, núncio de guerra,  
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide  
Co'as crinas flutuantes, o ginete,  
Impávido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajubá os vê sorrindo,  
Galgando vales, combros, serranias,  
Coalhando o ar e o céu de feios gritos.  
E folga, por que os vê correr tão prestes  
Aos sons do cavo búzio conhecido,  
Já tantas vezes repetidos antes  
Por vales e por serras; já não pode  
Numera-los, de tantos que se apinham;  
Mas vendo-os, reconhece o vulto e as armas  
Dos seus: “Tupã sorri-se lá dos astros,  
– Diz o chefe entre si, – lá, descuidosos  
Das folganças de Ibaque, heróis timbiras  
Contemplam-me, das nuvens debruçados:  
E por ventura de lhes ser eu filho  
Enlevam-se, e repetem, não sem glória,  
Os seus cantores d'Itajuba o nome.

Vem primeiro Jucá de fero aspecto.  
Duma onça bicolor cai-lhe na frente  
A pel' vistosa; sob as hirtas cerdas,  
Como sorrindo, alvejam brancos dentes,  
E nas vazias órbitas lampejam  
Dois olhos, fulvos, maus. – No bosque, um dia,  
A traiçoeira fera a cauda enrosca  
E mira nele o pulo; do tacape

Jucá desprende o golpe, e furta o corpo;  
Onde estavam seus pés, as duras garras  
Encravavam-se enganadas, e onde as garras  
Morderam, beija a terra a fera exangue  
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,  
Ita-roca indomável, – Catucaba,  
Primeiro sempre no combate, – o forte  
Juçurana, – Poti ligeiro e destro,  
O tardo Japeguá, – o sempre aflito  
Piaíba, que espíritos perseguem:  
Mojacá, Mopereba, irmãos nas armas,  
Sempre unidos, ninguém não foi como eles!  
Lagos de sangue derramaram juntos;  
Filhos e pais e mães d'imigas tabas  
Odeiam-nos chorando, e a glória d'ambos,  
Assim chorada, mais e mais se exalta:  
Samotim, Pirajá, e outros infíndos,  
Heróis também, aos quais faltou somente  
Nação menor, menos guerreira tribo.

Japi, o atirador, quando escutava  
Os sons guerreiros do membi troante,  
Na tesa corda flecha embebe inteira,  
E mira um javali que os alvos dentes,  
Navalhados, remove: pára,escuta...  
Volvem-lhe os mesmos sons: Bate-lhe o peito  
Os olhos pulam, – solta horrendo grito,  
Arranca e roça a fera!... a fera atônita,  
Aterrada, transida, treme, erriça  
As duras cerdas; tiritante, pávida,  
Esgazeando os olhos fascinados,  
Recua: um tronco só lhe embarga os passos.  
Por longo trato, de si mesma alheia,  
Demora-se, lembrada: a custo o sangue  
Volve de novo ao costumado giro,  
Em quando o vulto horrendo se recorda!

“Mas onde está Jatir? – pergunta o chefe,  
Que debalde o procura entre os que o cercam:  
Jatir, dos olhos negros, que me luzem,  
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;  
Jatir, que aos chefes todos anteponho,  
Cuja bravura e temerário arrojo  
Folgo em reger e moderar nos prélios;  
Esse, porque não vem, quando vos vindes?”  
– Corre Jatir no bosque, diz um chefe  
Bem sabes como: acinte se desgarrar  
Dos nossos, – andal só, talvez sem armas,  
Talvez bem longe: acordo nele é certo,  
Creio, de nos tachar assim de fracos! –  
Pais de Jatir, Ogib, entrara em anos;  
Grosseiro cedro mal lhe afirma os passos,  
Os olhos pouco vêem; mas de conselho  
Valioso e prestante. Ali, mil vezes,  
Havia com prudência temperado  
O juvenil ardor dos seus, que o ouviam.  
Alheio agora da prudência, escuta  
A voz que o filho amado lhe crimina.  
Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,  
Viva, acesa, antes brasa, – o amor paterno:  
Amor inda tão forte na velhice,

Como no dia venturoso, quando  
Cendi, que os olhos seus só viram bela,  
Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,  
Carinhosa lho deu; quando na rede  
Ouvia com prazer ass ledas vozes  
Dos companheiros seus, – e quando absorto,  
Olhos pregados no gentil menino,  
Bem longas horas, sim, porém bem doces  
Levou cismando aventuradas sinas.  
Ali o tinha, ali meigo e risonho  
Aqueles tenros braços levantava;  
Aqueles olhos límpidos se abriam  
À luz da vida: cândido sorriso,  
Como o sorrir da flor no romper d'alva,  
Radiava-lhe o rosto: quem julgara,  
Quem poderá aventar, supor ao menos  
Haverem de apertar-se aqueles braços  
Tão mimosos, um dia, contra o peito  
Arquejante e cansado, – e aqueles olhos  
Verterem pranto amargo em soledade?  
Incrível! – porém lágrimas cresceram-lhe  
Dos olhos, – lá tombou-lhe uma, das faces  
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.  
Agora, Ogib, alheio da prudência,  
Que ensina, imputações tão más ouvindo  
Contra o filho querido, acre responde.

“São torpes os anuns que em bandos folgam,  
São maus os caitetus, que em varas pascem,  
Somente o sabiá geme sozinho,  
E sozinho o Condor aos céus remonta.  
Folga Jatir de só viver consigo:  
Em bem, que tens agora que dizer-lhe?  
Esmaga o seu tacape a quem vos prende,  
A quem vos dana, afoga entre os seus braços,  
E em quem vos acomete, emprega as setas.  
Fraco! não temes já que te não falte  
O primeiro entre vós, Jatir, meu filho?”

Despeitoso Itajubá, ouvindo um nome.  
Embora o de Jatir, apregoadado  
Melhor, maior que o seu, a testa enruga  
E diz severo aos dois qu'inda argumentam

Mais respeito, mancebo, ao sábio velho,  
Qu'éramos nós crianças, manejava  
A seta e o arco em defesa dos nossos.  
Tu, velho, mais prudência. Entre nós todos  
O primeiro sou eu: Jatir, teu filho,  
E forte e bravo; porém novo. Eu mesmo  
Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos  
Novéis aplaudo: bem maneja o arco,  
Vibra certa a flecha; mas...(sorrindo  
Prosegue) afora dele inda há quem saiba  
Mover tão bem as armas, e nos braços  
Robustos, afogar fortes guerreiros.  
Jatir virá, senão... serei convosco.  
(Disse voltado para os seus, que o cercam)  
E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercam eles nas ruidosas tabas,  
Em quanto Juruçei com pé ligeiro  
Caminha: as aves docemente atitam,

De ramo em ramo – docemente o bosque  
À medo rumoreja, – à medo o rio  
Escoa-se e murmura: um borborinho,  
Confuso se propaga, – um rio incerto  
Dilata-se do sol doirando o ocaso.  
Último som que morre, último raio  
De luz, que treme incerta, quantos entes  
Oh! não de ver a luz de novo  
E o romper d'alva, e os céus, e a natureza  
Risonha e fresca, -- e os sons, e os ledos cantos  
Ouvir das aves tímidas no bosque  
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

## CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro:  
Leve brisa subtil pela floresta  
Enreda-se e murmura, – amplo silêncio  
Reina por fim. Nem saberás tu como  
Essa imagem da morte é triste e torva.  
Se nunca, a sós contigo, a pressentisse  
Longe deste zunir da turba inquieta.  
No ermo, sim; procura o ermo e as selvas...  
Escuta o som final, o extremo alento,  
Que exala em fins do dia a natureza!  
O pensamento, que incessante voa,  
Vai do som à mudez, da luz às sombras  
E da terra sem flor, ao céu sem astro.  
Semelha a graça luz, qu'inda vacila  
Quando, em ledos sarau, o extremo acorde  
No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Timbiras,  
Sem conto seus guerreiros, três as tabas,  
Opimas, – uma e uma derramadas  
Em giro, como dança dos guerreiros.  
Quem não folgara de as achar nas matas!  
Três flores em três hastes diferentes  
Num mesmo tronco, – três irmãs formosas  
Por um laço de amor ali prendidas  
No ermo; mas vivendo aventuradas?  
Deu-lhes assento o herói entre dois montes,  
Em chã copada de frondosos bosques.  
Ali o cajazeiro as perfumava,,  
O cajueiro, na estação das flores,  
De vivo sangue marchetava as folhas?  
As mangas, curvas à feição de um arco,  
Beijavam-lhes o teto; a sapucaia  
Lambia a terra, – em graciosos laços  
Doces maracujás de espessas ramas  
Sorriam-se pendentes; o pau-d'arco  
Fabricava um dossel de cróceas flores,  
E as parasitas de matiz brilhante  
A úsnea das palmeiras estrelavam!

Quadro risonho e grande, em que não fosse  
Em granito eu em mármore talhado!  
Nem palácios, nem Tórres avistaras,

Nem castelos que os anos vão comento,  
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feiturias  
Em pedra, que os humanos tanto exaltam!  
Rudas palhoças só! que mais carece  
Quem há de ter somente um sol de vida,  
Jazendo negro pó antes do ocaso?  
Que mais? Tão bem a dor há de sentar-se  
E a morte revoar tão solta em gritos  
Ali, como nos átrios dos senhores.  
Tão bem a compaixão há de cobrir-se  
De dó, limpando as lágrimas do aflito.  
Incerteza voraz, tímida esp'rança,  
Desejo, inquietação também lá moram;  
Que sobra pois em nós, que falta neles?

De Itajubá separam-se os guerreiros;  
Mudos, às portas das sombrias tabas,  
Imóveis, nem que fossem duros troncos,  
Pensativos meditam: Já da guerra  
Nada receiam, que Itajubá os manda?  
O encanto, os manitôs inda o protege,  
Vela tupã sobre ele, e os santos piagas  
Comprida série de floridas quadras  
Ver lhe asseguram: nem de há pouco a luta,  
Melhor dissertas de renome ensejo,  
Os desmentiu, que nunca os piagas mentem.  
Medo, certo, não têm; são todos bravos!  
Por que meditam pois? Também não sabem!

Sai o piaga no entanto da caverna,  
Que nunca humanos olhos penetraram  
Com ligeiro cendal os rins aperta,  
Cocar de escuras plumas se debruça  
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas  
O tenaz pensamento afigurado.  
Cercam-lhe os pulsos cascavéis loquazes,  
Respondem outros, no tripúdio sacro  
Dos pés. Vem majestoso, e grave, e cheio  
Do Deus, que o peito seu, tão fraco, habita.  
E em quanto o fumo lhe volteia em torno,  
Como neblina em torno ao sol que nasce,  
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,  
Solta do sacro rito os sons cadentes.

---

“Visita-nos Tupã, quando dormimos,  
É só por seu querer que estão sonhamos/  
Escute-me Tupã! Sobre vós outros,  
Poder do maracá por mim tangido,  
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.  
“O poder de Anhangá cresce co’ a noite;  
Sota de noite o mau seus maus ministros:  
Caraiibes na floresta acendem  
A falsa luz, que o caçador transvia.  
Caraiibes enganosas formas  
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.  
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,  
De vós se partam; mas Tupã vos olhe,  
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

“O sonho e a vida são dois galhos gêmeos;

São dois irmãos quer um laço amigo aperta:  
A noite é o laço; mas Tupã é o troco  
E a seve e o sagüi que circula em ambos.  
Vive melhor que da existência ignaro,  
Na paz da noite, novas forças cria.  
O louco vive com a ferro, em quanto  
N'alma lhe ondeiam do delírio as sombras,  
De vida espúrias; Deus porém lhas rompe  
E na loucura do porvir no fala!  
Tupã vos olhe, e sobre vós do Ibaque  
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce!”

Assim cantava o piaga merencório,  
Tangia o maracá, dançava em roda  
Dos guerreiros: poderá ouvido atento  
Os sons finais da lúgubre toada  
Na plácida mudez da noite amiga  
De longe, em côro ouvir? “Sobre nós outros  
Os sons desçam, quando o orvalho desce.”

Calou-se o piaga, ka descansam todos!  
Almo Tupã os comunique em sonhos,  
E os que sabem tão bem vencer batalhas  
Quando acordados malbaratam golpes  
Saibam dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Timbiras?  
Bosqueja por ventura ardis de guerra,  
Fabrica e enreda as ásperas ciladas,  
E a olhos nus do pensamento enxerga  
Desfeita em sangue revolver-se em gritos  
Morte pávida e má?! ou sente e avista,  
Escandecida a mente, o Deus da guerra  
Impávido Aresqui, sanhudo e forte,,  
Calcar aos pés cadáveres sem conto,  
Na destra ingente sacudindo a maça,  
Donde certaíra como o raio, desce  
A morte, e banha-se orgulhosa – em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o ocupa!  
Nem Aresqui,nem sangue se lhe antolha,  
Nem resolve consigo ardis de guerra,  
Nem combates, nem lágrimas medita:  
Sentiu calar-lhe n'alma em sentimento  
Gelado e mudo, como o véu da noite.  
Jatir, dos olhos negros, onde pára?  
Que faz que lida: ou que fortuna corre?  
Três sóis já são passados: quanto espaço,  
Quanto azar não correu nos amplos bosques  
O impróvido mancebo aventureiro?  
Ali na relva a cascavel se esconde,  
Ali, das ramas debruçado, o tigre  
Aferra traiçoeiro a presa incauta!  
Reserve-lhe Tupã mais fama e glória,  
E voz amiga de cantor suave  
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso  
Tronco rudo-lavrado se recosta?  
Não tem poder a noite em seus sentidos,  
Que a mesma idéia de contínuo volvem.  
Vela e treme nos tetos da cabana  
A baça luz das resinosas tochas,

Acres perfumes recendendo; – alastram  
De rubins cor de brasa a flor do rio!

“Ouvira com prazer um triste canto,  
Diz lá consigo; um canto merencório.  
Que este presságio fúnebre espancasse.  
Bem sinto um não se que aferventar-se-me  
Nos olhos, que vai prestes expandir-se:  
Não sei chorar, bem sei; mas fora grato,  
Talvez bem grato!à noite, e a sós comigo  
Sentir macias lágrimas correndo.  
O talo agreste de um cipó em graça  
Verte compridas lágrimas cortado  
O tronco do cajá desfaz-se em goma,  
Suspira o vento, o passarinho canta,  
O homem cora! eu só, mais desditoso,  
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,  
E quem, feliz, de lágrimas se paga”

Longo espaço depois falou consigo,  
Mudo e sombrio: “Sabiá das matas,  
Croá (diz ele ao filho d’Iandiroba)  
As mais canoras aves, as mais tristes  
No bosque, a suspirar contigo aprendam.  
Canta, pois que trocara de bom grado  
Os altos feitos pelos doces carmes  
Quem quer que os escutou, mesmo Itajubá.

Eudeceu: na taba quase escura,  
Com pé alterno a dança vagarosa,  
Aos sons do maracá, traçava os passos.  
“Flor de beleza, luz de amor, Coema,  
Murmurava o cantor, onde te foste,  
Tão doce e bela, quanto o sol raiava?  
Coema, quanto amor que nos deixaste?  
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,  
Tão macios teus olhos! teus acentos  
Cantar perene, tua voz gorjeios  
Ruas palavras mel! O romper d’alva,  
Se encantos punha a par dos teus encantos  
Tentava embalde pleitear contigo!  
Não tinha a ema porte mais soberbo,  
Nem com mais graça recurvava o colo!  
Coema, luz de amor, onde te foste?

“Amava-te o melhor, o mais guerreiro  
Dentre nós? elegeu-te companheira,  
A ti somente, que só tu achavas  
Sorriso e graça na presença dele  
Flor, que nasceste no musgoso cedro,  
Cobravas páreas de abundante seiva,  
Tinhas abrigo e proteção das ramas...  
Que vendaval te despegou do tronco,  
E ao longe, em pó, te esperdiçou no vale?  
Coema, luz de amor, flor de beleza,  
Onde te foste, quando o sol raiava?

“Anhangá rebocou estreita igara  
Contra a corrente: Orapacém vem nela,  
Orapacém, Tupinambá famoso  
Conta prodígios duma raça estranha,  
Tão alva como o dia, quando nasce,  
Ou como a areia cândida e luzente,

Que as águas dum regato sempre lavam.  
Raça, q quem os raios prontos servem,  
E o trovão e o relâmpago acompanham  
Já de Orapacém os mais guerreiros  
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza  
Clamam vingança em vão contra os estranhos.  
Talvez d'outros estranhos perseguidos,  
Em punição talvez d'atroz delito.  
Orapacém, fugindo, brada sempre:  
Mair! Mair! Tupã! – Terror que mostra,  
Brados que solta, e as derrocadas tabas,  
Desde Tapuitapera alto proclamam  
Do vencedor a indômita pujança.  
Ai! não viesse nunca as nossas tabas  
O tapuia mendaz, que os bravos feitos  
Narrava do Mair; nunca os ouviras,  
Flor de beleza, luz de amor, Coema!

“A cega desventura, nunca ouvida,  
Nos move à compaixão: prestes corremos  
Com ledo gasalhado a restaura-los  
Da vil dureza do seu fado: dormem  
Nas nossas redes diligentes vamos  
Colher-lhes frutos, -- descansados folgam  
Nas nossas tabas? Itajubá mesmo  
Ofrece abrigo ao palrador tapuia!  
Hospedes são, nos diz; Tupã os manda:  
Os filhos de tupã serão bem vindos,  
Onde Itajubá impera! – Ao que não eram,  
Nem filhos de Tupã, nem gratos hóspedes  
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;  
Antes dolosa resfriada serpe  
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.  
Quem nunca os vira! porem tu, Coema,  
Leda avezinha, que adejavas livre,  
Asas da cor da prata ao sol abrindo,  
A serpente cruel porque fitaste,  
Se já do olhado mau sentias pejo?!

“Ouvimos, uma vez, da noite em meio,  
Voz de aflita mulher pedir socorro  
/e em tom sumido lastimar-se ao longe.  
Opacém! – bradou feroz três vezes  
O filho de Jaguar: clamou de balde.  
Somente acode o eco à voz irada,,  
Quando ele o malfeitor no instinto enxerga.  
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,  
E tenta com afã chegar ao termo,  
Donde as querelas míseras partiam.  
Chegou – já tarde! – nós, mais tardos inda,  
Assistimos ao súbito espetáculo!

“Queimam-se raros fogos nas desertas  
Margens do rio, quase imerso em trevas:  
Afadigados no labor noturno,  
Os traiçoeiros hóspedes caminham,  
Pejando à pressa as côncavas igaras.  
Longe, Coema, a doce flor dos bosques,  
Com voz de embrandecer duros penhascos,  
Suplica e roja em vão aos pés do fero,  
Caviloso tapuia! Não resiste  
Ao fogo da paixão, que dentro lava,  
O bárbaro, que a viu, que a vê tão bela!

“Vai arrastá-la, – quando sente uns passos  
Rápidos, breves, – volta-se: – Itajubá!  
Grita; e os seus, medrosos, receiando  
A perigosa luz, os fogos matam.  
Mas, no extremo clarão que eles soltaram,  
Viu-se Itajubá com seu arco em punho,  
Calculando a distância, a força e o tiro:  
Era grande a distância, a força imensa...

“E a raiva incrível, continua o chefe,  
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!  
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,  
E a frecha vil caiu-me sãos pés sem força.”  
E assim dizendo nos cerrados punhos  
De novo pensativo a frente oprime.

“Sim, tornava o Cantor, Imenso e forte  
Devera o arco ser, que entre nós todos  
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,  
Quando Jaguar morreu! – partiu-se o arco!  
Depois ouviu-se um grito, após ruído,  
Que as águas fazem no tombar de um corpo;  
Depois – silêncio e trevas...

–“Nessas trevas,

Replicava Itajubá, – inteira a noite,  
Louco vaguei, corri d’ encontro as rochas,  
Meu corpo lacerei nos espinheiros,  
Mordi sem tino a terra já cansado:  
Soluçavam porém meus frouxos lábios  
O nome dela tão querido, e o nome...  
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,  
Ou morra, antes de mim, meu nome e glória  
Se os não hei de punir ao recordar-me  
A aurora infausta que me trouxe aos olhos  
O cadáver...” Parou, que a estreita gorja  
Recusa aos cavos sons prestar acento.

“Descansa agora o pálido cadáver,  
Continua o cantor junto à corrente  
So regato, que volve areias d’ouro.  
Ali agrestes flores lhe matizão  
O modesto sepulcro, – aves canoras  
Descantam tristes nênia so compasso  
Das águas, que também nênia soluçam

“Suspirada Coema, em paz descansa  
No teu florido e fúnebre jazigo;  
Mas quando a noite dominar no espaço,  
Quando a lua coar úmidos raios  
Por entre as densas, buliçosas ramas,  
Da cândida neblina veste as formas,  
E vem no bosque suspirar co’ a brisa:  
Ao guerreiro, qu dorme, inspira sonhos,  
E à virgem, que adormece, amor inspira.”

Calou-se o maracá rugiu de novo  
A extrema vez, e jaz emudecido.  
Mas no remanso do silêncio e trevas,  
Como débil vagido, escutarias  
Queixosa voz, que repetia em sonhos:  
“Veste, Coema, as formas da neblina,  
Ou vem nos raios trêmulos da lua

Cantar, viver e suspirar comigo.”

---

Ogib, o velho pai do aventureiro  
Jatir, não dorme nos vazios tetos:  
Do filho ausente prendem-no cuidados;  
Vela cansado e triste o pai coitado,  
Lembrando-se desastres que passaram  
Impróvidos, no bosque pernoitando.  
E vela, – e a mente aflita mais se enluta,  
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!  
Já tarde, sente uns passos apressados,  
Medindo a taba escura; o velho treme,  
Estende a mão convulsa, e roça um corpo  
Molhado e tiritante: a voz lhe falta...  
Atende largo espaço, até que escuta  
A voz do sempre aflito Piaíba,  
Ao pé do fogo extinto lastimar-se.

“O louco Piaíba, a noite inteira,  
Andou nas matas; miserando sofre;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre elas;  
Como o verme na fruta, um Deus maligno  
Lhe mora na cabeça, oh! quanto sofre!  
“Em quanto o velho Ogib está dormindo,  
Vou-me aquecer;  
O fogo é bom, o fogo aquece muito;  
Tira o sofrer.  
Em quanto o velho dorme, não me expulsa  
D’ao pé do lar;  
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,  
Quando acordar!  
Eu via a morte: vi-a bem de perto  
Em hora má!  
Vi-a de perto, não me quis consigo,  
Por ser tão má.  
Só não tem coração, dizem os velhos,  
E é bem de ver;  
Que, se o tivera, me daria a morte,  
Que é meu querer.  
Não quis matar-me; mas é bem formosa;  
Eu vi-a bem:  
É como a virgem, que não tem amores,  
Nem ódios tem..  
O fogo é bom, o fogo aquece muito,  
Quero-lhe bem!”

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas  
E mais e mais conchega-se o borralho.  
O velho entanto, erguido a meio corpo  
Na rede, escuta pávido, e tiritado  
De frio e medo, – quase igual delírio  
Castiga-lhe as idéias transtornadas.

“Já me não lembra o que me disse a morte!...  
Ah! sim, já sei!  
–Junto ao sepulcro da fiel Coema,  
Ali serei:  
Ogib emprazo, que a falar me venha  
Ao anoitecer! –  
O velho Ogib há-de ficar contente

Co'o meu dizer;  
Talvez que o velho, que viveu já muito,  
Queira morrer!"  
Emudeceu: alfim tornou mais brando.  
"Mas dizem que a morte procura mancebos,  
Porém tal não é:  
Que colhe as florinhas abertas de fresco  
E os frutos no pé?!...  
Não, não, que só ama sem folha as flores,  
E sem perfeição;  
E os frutos perdidos, que apanha golosa,  
Caídos no chão.  
Também me não lembra que tempo hei vivido,  
Nem por que razão  
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,  
Tão sem compaixão."  
As ânsias não vencendo, que o soçobram  
Salta da curva rede Ogib aflito;  
Trêmulo as trevas apalpando, topa,  
E roja miserando aos pés do louco.

– "Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma  
Algum sentir humano inda se aninha,  
Jatir, que é feito dele? Disse a morte  
Haver-me cubiçado o moço imberbe,  
A cara luz dos meus cansados olhos:  
Oh dize-o! Assim o espírito inimigo  
Folgados anos respirar te deixe!"  
O louco ouviu nas trevas os soluços  
Do velho, mas seus olhos nada alcançam:  
Pasma, e de novo o seu cantar começa:  
"Em quanto o velho dorme, não me expulsa  
D'ao pé do lar."

– "Mas expulsei-te eu nunca?  
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,  
Em ânsias de transido desespero.  
Bem sei que um Deus te mora dentro d'alma;  
E nunca houvera Ogib de espancar-te  
Do lar, onde Tupã é venerado.  
Mas fala! oh! fala, uma só vez repete-o:  
Vagaste à noite nas sombrias matas..."

"Silencio! brada o louco, não escutas:?!"  
E pára, como ouvindo uns sons longínquos.  
Depois prossegue: "Piaíba o louco  
Errou de noite nas sombrias matas;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre elas.  
Geme e sofre e sente fome e frio,  
Nem há quem de seus males se condoa.  
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,  
Quero-lhe bem!"

– "Tupã, que tudo podes,  
Orava Ogib em lágrima desfeito,  
A vida inútil do cansado velho  
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida  
Meu filho, só depois me colha a morte!"

### CANTO TERCEIRO

Era a hora em que a flor balança o cálix

Aos doces beijos da serena brisa,  
Quando a ema soberba alteia o colo,  
Roçando apenas o matiz relvoso;  
Quando o sol em doirando os altos montes,  
E as ledas aves à porfia trinam,  
E a verde coma dos frondosos cerros  
Quando a corrente meio oculta soa  
De sob o denso véu da parda névoa;  
Quando nos panos das mais brancas nuvens  
Desenha a aurora melindrosos quadros  
Gentis orlados com listões de fogo;  
Quando o vivo carmim do esbelto cáctus  
Refulge a mêdo abrilhantado esmalte,  
Doce poeira da aljofradas gotas,  
Ou pó sutil de pérolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,  
Era o nascer do sol, libando as meigas,  
Risonhas faces da luzente aurora!  
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,  
Uma só coisa e muitas, – melhor face  
Da sempre vária e bela natureza:  
Um quadro antigo, que já vimos todos,  
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,  
Risonha aurora, – ama acordar contigo;  
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,  
Ou rósea ou branca, já carmim, já fogo,  
Já tímidos reflexos, já torrentes  
De luz, que fere oblíqua os altos cimos.  
Amavam contemplar-te os de Itajubá  
Impávidos guerreiros, quando as tabas  
Imensas, que Jaguar fundou primeiro  
Cresciam, como crescem gigantescos  
Cedros nas matas, prolongando a sombra  
Longes nos vales, – e na copa excelsa  
Do sol estivo os abrasados raios  
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As três formosas tabas de Itajubá  
Já foram como os cedros gigantescos  
Da corrente impedrada: hoje acamados  
Fósseis que dormem sob a térrea crusta,  
Que os homens e as nações por fim sepultam  
No bojo imenso! – Chame-lhe progresso  
Quem do extermínio secular se ufana:  
Eu modesto cantor do povo exinto  
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,  
Que vão do mar ao Andes, e do Prata  
Ao largo e doce mar das Amazonas.  
Ali me sentarei meditabundo  
Em sítio, onde não oiçam meus ouvidos  
Os sons freqüentes d' europeus machados  
Por mãos de escravos Afros manejados:  
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,  
Donde chorando a preciosa goma,  
Resina virtuosa e grato incenso  
A nossa incúria grande eterno asselam:  
Em sítio onde os meus olhos não descubram  
Triste arremedo de longínquas terras.  
Aos crimes das nações Deus não perdoa:  
Do pai aos filhos e do filho aos netos,

Por que um deles de todo apague a culpa,  
Virá correndo a maldição – contínua,  
Como fuzis de uma cadeia eterna.  
Virão nas nossas festas mais solenes  
Miríade de sombras miserandas,  
Escarnecendo, secar o nosso orgulho  
De nação; mas nação que tem por base  
Os frios ossos da nação senhora,  
E por cimento a cinza profanada  
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.  
Não me deslumbra a luz da velha Europa;  
Há-de apagar-se mas que a inunde agora;  
E nós?... sucamos leite mau na infância,  
Foi corrompido o ar que respiramos,  
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! – que bem sabia,  
Quem te criou tão bela e tão sozinha,  
Dos teus destinos maus! Grande e sublime  
Corres de pólo a pólo entre os sois mares  
Máximos de globo: anos da infância  
Contavas tu por séculos! que vida  
Não fora a tua na sazão das flores!  
Que majestosos frutos, na velhice,  
Não deras tu, filha melhor do Eterno?!  
Velho tutor e avaro cubiçou-te,  
Desvalida pupila, a herança pingue  
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos  
Da mocidade em flor – às cãs e à vida  
Do velho, que já pende e já declina  
Do leito conjugal imerecido  
À campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro ilustre,  
E os teus, de que então vós ocupáveis,  
Quando nos vossos mares alinhadas  
As naus de Holanda, os galeões de Espanha,  
As fragatas de França, e as caravelas  
E portuguesas naus se abalroavam,  
Retalhado entre si vosso domínio,  
Qual se vosso não fora? Ardia o prélio,  
Fervia o mar em fogo a meia-noite,  
Nuvem de espesso fumo condensado  
Toldava astros e céus; e o mar e os montes  
Acordavam rugindo aos sons troantes  
Da insólita peleja! – Vós, guerreiros,  
Vós, que fazíeis, quando a espavorida  
Fera bravia procurava asilo  
Nas fundas matas, e na praia o monstro  
Marinho, a quem o mar, já não seguro  
Reparo contra a fôrça e indústria humana,  
Lançava alheio e pávido na areia?  
Agudas setas, válidos tacapes  
Fabricavam talvez!... ai não... capelas,  
Capelas enastravam para ornato  
Do vencedor; – grinaldas penduravam  
Dos alindados tetos, por que vissem  
Os forasteiros, que os paternos ossos  
Deixando atrás, sem manitôs vagavam,  
Os filhos de Tupã como os hospedam  
Na terra, a que Tupã não dera ferros!

---

Rompia a fresca aurora, rutilando  
Sinais de um límpido e sereno.  
Então vinham saindo os de Itajubá  
Fortes guerreiros a contar os sonhos  
Com que Tupã amigo os bafejara,  
Quando as estrelas pálidas tombavam,  
Já de clarão maior esmorecidas.  
Vinham ledos ou tristes na aparência,  
Timoratos ou cheios de hardimento,  
Como o futuro evento se espelhava  
Nos sonhos, bons ou maus; mas acordá-los  
Disparatados, e o melhor de tantos  
Coligir, era missão mais alta.  
Não fosse o piaga intérprete divino,  
Nem os seus olhos penetrantes vissem  
O porvir, ao través do véu do tempo,  
Como ao través do corpo a mente enxergam;  
Não fosse, quem há que se afoutasse  
Em campo de batalha a expor a vida,  
A vida nossa tão querida, e tanto  
Da flor a vida breve semilhando:  
Roaz inseto a vai traçando em giro,  
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupã seus gratos filhos,  
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:  
E Tupã, de benigno os influi sempre  
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas  
Descem, quando a terra humores pede,  
Ou como, em sação própria, brotam flores.

Postam-se em forma de crescente os bravos:  
Ávida turba mulheril no entanto  
O rito sacro impaciente aguarde.  
Brincam na relva os folgazões meninos,  
Em quanto os mais crescidos, contemplando  
O aparato elétrico das armas,  
Enlevam-se; e, mordidos pela inveja,  
Discorrem lá consigo: – Quando havemos,  
Nós outros, d'empunhar daqueles arcos,  
E quando levaremos de vencida  
As hostes vis do pérfido Gamela!

Vem por fim Itajubá. O piaga austero,  
Volvendo o maracá nas mãos mirradas,  
Pergunta: – “Foi o espírito convosco,  
O espírito da fôrça, e os ledos sonhos,  
Ministros de Tupã, nuncios da glória?”  
– Sim, foram, lhe respondem, ledos sonhos,  
Correios de Tupã; mas o mais claro  
É duro nó que o piaga só desata.  
“Dizei-os pois, que vos escuta o piaga”  
Disse, e maneja o maracá: das bocas  
Do mistério divino, em puros flocos  
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um qu, divagando em matas virgens,  
Sentira a luz fugir-lhe de repente  
Dos olhos, – se não foi que a natureza,  
Por mágico feitiço transtornada,

Vestia por si mesma novas galas  
E aspectos novos, – nem as elegantes,  
Viçosas trepadeiras, nem as rêdes  
Agrestes do cipó já divisava.  
Em lugar da floresta, uma clareira  
Relvosa descobria, em vez da árvores  
Tão altas, de que havia pouco o bosque  
Parecia ufanar-se, – um tronco apenas,  
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Ali sozinho o tronco agigantado  
Luxuriava em folhas verde-negras,  
Em flores cor de sangue, e na abundância  
Sos frutos, como nunca os viu nas matas;  
Tão alvos como a flor do mamãozeiro,  
De macia penugem debruados.

“Extático de os ver ali tão belos  
Tais frutos, que eu algures nunca vira,  
O bárbaro dizia, fui colhendo  
O melhor, por que o visse de mais perto.  
Pesar de não saber se era salubre,  
Ansiava gostá-lo, e em fura lida  
Lutava o meu desejo co’ a prudência.  
Venceu aquê! ai não vencesse nunca!  
Nunca, ludíbrio não dos meus desejos,  
Mordessem-no meus lábios ressequidos.  
Conta-lo me arrepia! – Mal o toco,  
Força-me a rejeita-lo um quê oculto,  
Que os nervos me estremece: a causa inquiri..

Eis que uma cobra, uma coral, de dentro  
Desdobra o corpo lúbrico, e em três voltas,  
Mas grata armila, me circunda o braço.  
Da vista e do contato horrorizado,  
Sacudo o estranho ornato; e vão me agito:  
Com quanto mais afã tento livrar-me,  
Mais apertado o sinto. – Nisto acordo,  
Úmido o corpo e fatigado, e a mente  
Molesta ainda do combate inglório.  
O que é, não sei; tu sabes tudo, ó Piaga  
Há e talvez razão que eu não alcanço,  
Que certo isto não é sonhar batalhas.”

– “Haja sentido oculto no teu sonho,  
(Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto  
O véu do tempo, e aos mortais o mostro.  
Dir-to-ei por certo; mas eu creio e tenho  
Que algum gênio turbou-te a fantasia,  
Talvez angüera de traidor Gamela;  
Que os Gamelas são pérfidos em morte,  
Como em vida.” – Assim é, diz Itajubá.

Outro sonhou caçadas abundantes,  
Temíveis caitetus, pacas ligeiras,  
Coatis e jabotins, – te onça e tigres,  
Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos  
Nada disto enxergou: porém cardumes  
De peixes vários, que o timbó prestante  
Trazia quase à mão, se não fechados  
Em mondes espaçosos! – gáudio imenso!  
De os ver ali raivando na estacada  
Tão grandes serubins, trauíras tantas,

Ou boiando sem tino à flor da águas!

Outros não viram nem mondes, nem peixes,  
Nem aves, nem quadrúpedes: mas grandes  
Samotins transbordando argêntea espuma  
Do fervente cauim; e por três noites  
Girar em roda a taça do banquete,  
Em quanto cada qual memora em cantos  
Os feitos próprios: reina o guau, que passa  
Destes àqueles com cadência alterna.  
“O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos  
Do herói Timbira (clama entusiasta)  
Leda vitória! Nunca em nossas tabas  
Haverá de correr melhor folgança,  
Nem ganhareis jamais honra tamanha.  
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem  
Festejar o triunfo: o canto e a dança  
Marcham de par, – banquetes se preparam,

E a glória da nação mais alta brilha!  
Oh! nunca sobre as tabas de Itajubá  
Haverá de nascer mais grata aurora!”

Soam festivos gritos, e as pocemas  
Dos guerreiros, que sôfregos escutam  
Do piaga os ditos, e o feliz augúrio  
Da próxima vitória. Não dissera  
Quem quer que fosse estranho aos usos deles  
Senão que por aquela densa pinha  
De vulgo, se espalhara a fausta nova  
De gloriosa ação já consumada,  
Que os seus, validos da vitória, obraram.  
Entanto Japeguá, posto de parte,  
Em quanto lavra em todos o contágio  
Da glória e do prazer, – bem claro mostra  
No rosto descontente o que medita.  
“Prazer que em altos gritos se propala,  
Discorre lá consigo o Americano,  
“É como a chama rápida correndo  
Nas folhas da pindoba: é falso e breve!”

Atenta nele o chefe dos Timbiras,  
Como que interno, igual pressentimento  
Rejeita, seu mau grado, a voz do piaga.  
“Que pensa Japeguá? Acaso em sonhos  
Tremendo e torvo se lhe antolha o êxito  
Da batalha? ou seja, ou não conosco,  
Que tarda em nos dizer seu pensamento?”

“Eu, vi” Japeguá ( e assim dizendo,  
Sacode vezes três a fronte adusta,  
Onde gravara da prudência o sêlo  
Contínuo meditar). “Vi altos combros  
De mortos já polutos, – via lagoas  
Brutas de sangue impuro e negrejante;  
Vi setas e carcaz espedaçados,  
Tacapes adentados, ou partidos  
Ou já sem fio! – vi...” Eis Catucaba  
Mal sofrido intervém, interrompendo  
A narração do sonhador de males.  
Bravo e hardido como é, nunca a prudência  
Lhe foi virtude, nem por tal a aceita.  
Nunca o membi guerreiro em seus ouvidos

Troou medonho, inóspito combate,  
Que às armas não corresse o valeroso,  
Intrépido soldado; mais que tudo  
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,  
Convulsos arrepios, altos gritos  
Do vencedor, imprecações sumidas  
Do que, vencido, jaz no pó sem glória.  
Sim, ama e que o tráfego das armas  
Talvez melhor que a si; nem mais risonha  
Imagem se lhe antolha, nem há cousa  
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.  
O p'rito que aventasse era feitiço,  
Que em delírio de febre o transtornava.  
Fanático de si, ébrio de glória,  
Lá se arrojava intrépido e brioso,  
Onde pior, onde mais negro o via.

Não eram dois na esquadra de Itajubá  
De gênios em mais pontos encontrados:  
Por isso em luta sempre. Catucaba,  
Fragueiro, inquieto, sempre aventureiro,  
Em cata de mais glória e mais renome,  
Sempre à mira de encontros arriscados,  
Sempre o arco na mão, sempre embebida  
Na corda tesa e frecha equilibrada.  
Ninguém mais solto em vozes, mais galhardo  
No guerreiro desplante, ou que mostrasse  
Atrevido e soberbo e forte em campo  
Quer pujança maior, que mais orgulho.

Japeguá, corajoso, mas prudente,  
Evitava o conflito, via o risco,  
Media o seu poder e as posses dele  
E o azar da luta e descansava em ócio.  
Sua própria indolência revelava  
Ânimo grande e não vulgar coragem.  
Se fosse lá nos paramos da Líbia,  
Deitado à sombra da árvore gigante,  
O leão da Numídia bem poderá  
Trilhar por junto dele os movediços  
Combros da areia, – amedrontando os ares  
Com aquele bramir agreste e rudo,  
Que as feras sem terror ouvir não sabem.  
O índio ouvira impávido o rugido,  
Sem que o terror lhe distingisse as faces;  
E ao rei dos animais voltando o rosto,  
Somente porque mais à jeito o visse,  
Viras ambos, sombrios, majestosos,  
Contemplarem-se à espaço, destemidos;  
D'estraneza o leão os seus rugidos  
Na gorja sufocar, e a nobre cauda,  
Entre medos e assomos de hardimento,  
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um – era a luz fugaz fácil prendida  
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra  
E que em breve amortece: outro – fálscia,  
Que surda, pouco a pouco vai lavrando  
Não vista e não sentida te que surge  
Dum jato só, tornada incêndio e fumo.

“Que viste? diz-lhe o êmulo brioso,  
“Só coalheiras de sangue inficionado,

Só tacapes e setas bipartidas,  
E corpos já corruptos?! Eia, ó fraco,  
Embora em ócio ignavo aqui descanses,  
E nos misteres feminis te adestres!  
Ninguém te cama à vida dos combates,  
Não te almeja ninguém por companheiro,  
Nem há-de o sonho teu acobardar-nos.  
É certo que haverá mortos sem conto,  
Mas não seremos nós; – setas partidas,,  
As nossas, não; tacapes amolgados...  
Mas os nossos verás mais bem talhantes,  
Quando houverem partido imigos crânios.

“Herói, não em façanhas, mas nos ditos  
Lidador que a vileza d’alma encobres  
Com frases descorteses, – já te viram,  
Pendentes braço e armas, contemplando  
Os feitos meus, pesar que sou cobarde.  
Essa infame tarefa que me incumbes  
É minha, sim; mas por diverso modo:  
Não ministro cauim às vossas festas;  
Mas na refrega o meu trabalho é vosso.  
Da batalha no campo achais defuntos,  
Vossa glória e brasão, corpos sem conto,  
Cujas feridas largas e profundas,  
De largas e profundas, denunciam  
A mão que as sói fazer com tanto efeito.  
Não tenho espaço, onde recolha os ossos,  
Não tenho cinto, onde pendure os crânios,  
Nem colar onde caibam tantos dentes,  
De quantos venci já; por isso inteiros  
Lá vo-los deixo, heróis; e vós lá ides,  
Em que me não queirais por companheiro,  
Rivais dos urubus, fortes guerreiros,  
Fácil triunfo conquistar nas trevas,  
Aos vorazes tatus roubando a presa.”

Calou-se... e o vulgo rosna em tórno d’ambos,  
Deste ou daquele herói tomando as partes.  
Pois quê?... há-de ficar tamanha afronta  
Impune, e não haveis levar das armas,  
Por que o sangue a desbote e apague inteira?”

Diziam, – e a tais ditos mais fermente  
A raiva em ambos; fazem-lhes terreiro,  
Já verga o arco, já se entesa a corda,  
Já batem pés no solo pulvurento:  
Correra o sangue de um, talvez o de ambos,  
Que sobre os dois a morte, abrija as asas!  
Silêncio! brada o chefe dos Timbiras,  
Interposto severo em meio da ambos;  
De um lado e outro a turba circunfusa  
Emudece, – divide-as largo espaço,  
De cujo centro gira os torvos olhos  
O herói, e só de olhar lhe estende as raias.  
Assim de altivo píncaro descamba  
Enorme rocha, obstruindo o leito  
De um rio caudaloso: as fundas águas  
Latindo envão na rocha volumosa  
Separam-se, cavando novos leitões,  
Em quanto o antigo se resseca e abras.

Silêncio!disse; e em torno os olhos gira,

Fúlgidos, negros: orgulhosas fronte,  
Que aos golpes do tacape não se dobram  
Em torno sobre o peito vão caindo  
Uma após outra: altivo um só apenas  
Rebelde arrosta o olhar! – rápido golpe,  
Rápido e forte, como o raio, o prostra  
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,  
Se cai no meio de preás medrosos,  
Talvez no primo impulso algum aferra;  
Vulgacho imbele! – ao mísero que prende  
E torce ainda nas compridas garras,  
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o herói. Por longo trato mudo  
Soberdo e grande alfim mostrando o rio,  
Quedou sem mais dizer; o rio ao longe  
As águas, como sempre, majestosas  
Na gorja das montanhas derramava,  
Caudal, imenso. Trás daqueles montes,  
Diz Itajubá, não sabeis quem seja?  
Afronta e nome vil haja o guerreiro,  
Que ousa lutar ferir, travar discórdias,  
Quando o imigo boré tão perto soa.”

Acorre o piaga em meio do conflito:  
“Prudência, ó filho de Jaguar, exclama;  
Nem mais sangue timbira se derrame,  
Que já não basta por pagar-nos deste,  
Que derramaste, quando houver nas veias  
Dos pérfidos Gamelas. O que ouviste,  
Que o forte Japeguá diz ter sonhado,  
Assela o que tupã me está dizendo  
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,  
Depois que os funestou propínquo sangue.”

“Devoto piaga (Mojacá prossegue)  
Que vida austera e penitente vives  
Dos rochedos na Iapa venerada,  
Tu, dos gênios do Ibaque bem fadado,  
Tu face a face com Tupã praticas  
E ves nos sonos meus melhor qu’eu mesmo.  
Escuta, e dize, ó venerando piaga  
(Benévolo Tupã teus ditos oiça)  
Angüera mau turbou-te a fantasia,  
Aflito Mojacá, teu sonho mente.”

Palavras tais no índio circunspecto,  
Cujos lábios envão nunca se abriram;  
Guerreiro, cujos sonhos nunca foram,  
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;  
No vulgo frio horror vão trescalando,  
Que entre a crença do piaga, e a deferência  
Devida a tanto herói flutua incerta.  
“Eu vi, diz ele, vi em baba imiga  
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!  
A corda estreita do cruento rito  
Os rins lhe aperta? a dura tangapema  
Sobre-está-lhe fatal; – cantos se entoam  
E a tuba dançatriz em torno gira.  
Sono não foi, que o vi, como vos vejo;  
Mas não vos direi já quem fosse o triste!  
Se vísseis, como eu vi, a fronte altiva,  
O olhar soberbo, – aquela força grande,

Aquele riso desdenhoso e fundo...  
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,  
eu seja para estar no passo horrendo  
Tão seguro de si, tão descansado!”

Acaso um tronco volumoso e tôsko  
De escamas fortes entre si travadas  
Ali perto jazia. Ogib, o velho,  
Pai do errante Jatir, ali sentou-se.  
Ali triste pensava, até que o sonho  
Do aflito Mojacá veio acorda-lo.  
“Tupã! que mal te fiz, que assim me colha  
Do teu furor a seta envenenada?  
Com voz choroza e trêmula clamava.  
“Escuto os gabos que só cabem nele,  
Vejo e conheço o costumado ornato  
Do filho meu querido! isto que fora,  
A quem tão infeliz como eu não fosse,  
Ventura grande, me constringe o peito!  
Conheço o filho meu no que disseste,  
Guerreiro, como a flor pelo perfume,  
Como o esposo conhece a grata esposa  
Pelas usadas plumas da aração,  
Que entre as folhas do bosque a espaços brilha,  
Ai! nunca brilhe a flor, se hão de roê-la  
Insetos; nunca vague a linda esposa  
No bosque, se há de as feras devora-la!”

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,  
Nas vozes por soluços atalhadas,  
Nas lágrimas que chora, os move a todos  
A triste compaixão; mas mais àquele,  
Que, antes do pobre pai, já todo angústias,  
Da própria narração se enternecia.  
Às querelas de Ogib volta o rosto  
O fatal sonhador, – que, seu mau grado,  
As setas da aflição tendo cravado  
Nas entranhas de um pai, quer logo o suco,  
Fresco e saudável, do louvor, na chaga  
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

“Tal era, tão impávido (prossigue,  
Fitando o velho Ogib o seu desplante,  
Qual foi o de Jatir naquele dia,  
Quando, novel nas artes do guerreiro,  
Circundado se viu à nossa vista  
D’imiga multidão: todos o vimos;  
Todos da clara estirpe deslembados,  
Clamamos tristes, pávidos: “É morto!”  
Ele porém que o arco usar não pode,  
O válido tacape desprendendo,  
Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata  
A êste, àquele; e em volumosos feixes  
Acerva a turba vil, lucrando um nome.

Tapir, caudilho seu, que não suporta  
Que um homem só e quase inerme, o cubra  
De tamanho labéu, altivo brada:  
“Cede-me, estulto, cede ao meu tacape  
Que nunca ameaçou ninguém de balde.”  
E assim dizendo vibra crebros golpes,  
Co a bruta folha retalhando os ares!  
Um coiro de tapir, em vez de escudo,

Rijo e piloso lhe guardava os membros.  
Jatir, do arco seu curvando as pontas,  
Sacode a seta fina e sibilante,  
Que vara o couro e o corpo surge for.  
Tomba de chofre o índio, e o som da queda  
Remata o som que a voz não rematará.  
Vista a pel' do tapir, que o resguardava,  
Japi, mesmo Japi lhe inveja o tiro.”

Todo o campo se aflige, todos clamam:  
“Jatir! Jatir! o forte entre os mais fortes.”  
Ordem não há; mulheres e meninos  
Baralham-se em tropel: o pranto, os gritos  
Confundem-se: do velho Ogib entanto  
Mal se percebe a voz “Jatir” gritando.

Itajubá por fim silêncio impondo  
À turba mulhêril, e à dos guerreiros  
Nesta batalha: “Consultemos, disse,  
Consultemos o piaga: às vezes pode  
O santo velho, serenando o ibaque,  
Amigo bom tornar o Deus malquisto.”

Mas ora não! – responde o piaga iroso.  
“Só quando ruge a negra tempestade,  
“Só quando a fúria d’Anhangá fuzila  
Raios do escuro céu na terra aflita  
Do piaga vos lembrais? Tanta lembrança,  
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes  
Não fui, em mesmo, nos terreiros vossos  
Fincar o santo maracá? Debalde,  
Debalde o fui, que à noite o achava sempre  
Sem oferta, que aos Deuses tanto prazem!  
Nu e despido o vi, como ora o vedes.  
(E assim dizendo mostra o sacrossanto  
Mistério, que de irado pareceu-lhes  
Soltar mais rouco som no seu rugido)  
Quem de vós se lembrou que o santo Piaga  
Na lapa dos rochedos se mirrava  
Apura míngua? Só Tupã, que ao velho  
Deu não sentir os dentes aguçados  
Da fome, que por dentro o remordia,  
E mais cruel, passada entre os seus filhos!”

Cegou-nos Anhangá, diz Itajubá,  
Fincando o maracá nos meus terreiros,  
Cegou-nos certo! – nunca o vi sem honras!  
Que o vira, bom piaga... oh! não se diga  
Que um homem só, dos meus, perece à míngua,  
(Quem quer que seja, quanto mais um Piaga\_  
Quando campeam tantos homens d’arco  
Nas tabas de Itajubá, – tantas donas  
Na cultura dos campos adestradas.  
hoje mesmo farei que ao antro escuro  
Caminhem tantos dons, tantas ofertas,  
Que o teu santo mistério há de por força,  
Quer queiras, quer não, dormir sobre elas!  
“Talvez a rica ofrenda aplaca os Deuses,  
E saudável conselho a noite inspira!”  
Disse e sem ais dizer se acolhe à gruta.

À caça, ó meus guerreiros, brada o chefe;  
Ledas donzelas ao cauim se apliquem,

Os meninos à pesca, à roça as donas,  
Eia!” – Ferve o labor, reina o tumulto,  
Que quase tanto val como a alegria,  
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslebrados do que ausente choram  
Favor das turbas que tão leve passas!  
Ledos no peito, ledos na aparência  
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras  
Dentro de tanto afã! festa que nasces  
Sob auspícios tão maus, possa algum gênio,  
Possas Tupã sorrir-te carinhoso,  
E das alturas condoer-se amigo  
Do triste, órfão de amor, e pai sem filho!

#### CANTO QUARTO

BEM VINDO seja o fausto mensageiro,  
O melífluo Timbira, cujos lábios  
Destilam sons mais doces do que os favos  
Que errado caçador na brenha inculta  
Por ventura topou! Hóspede amigo,  
Ledo núcio de paz, que o território  
Pisou de imigas hostes, quando a aurora  
Despontava nos céus – bem vindo seja!  
Não luz mas brande e grato o romper d’alva  
Que o teu sereno aspecto; nem mais doce  
A fresca brisa da manhã cicia  
Pela selvosa encosta, que a mensagem  
Que o chefe imigo e fero anseia ouvir-te.  
Melífluo Jurecei, bem vindo sejas  
Dos Gamelas ao chefe, Gurupema,  
Senhor dos arcos, quebrador das setas,  
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim consigo as hostes do Gamela:  
Consigno só, que a usada gravidade  
Já na garganta, a voz lhes retardava.  
Não veio Jurucei? Posto de frente,  
Arco e flecha na mão feito pedaços,  
Certo sinal do respeitoso encargo,  
Por terra não lançou? – Que pois augura  
Tal vinda, a não ser que o audaz Timbira  
Melhor conselho toma: e por ventura  
De Gurupema receiando as forcas,  
Amiga paz lhe ofrece, e em sinal dela  
So vencido Gamela o corpo entrega?!  
Em bem! que a torva sombra vagarosa  
Do outrora chefe seu há-de aplacar-se,  
Ouvindo a mesma voz das carpideiras,  
E vendo no sarcófago depostas  
As armas, que no ibaque hão-de servi-lhe,  
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,  
Em quanto vivo, insígnias do mando.  
Embora ostente o chefe dos Timbiras  
O ganhado troféu; embora à cinta  
Ufano prenda o gadelhudo crânio,  
Aberto em croa, do infeliz Gamela.  
Embora; mas porém amigas quedem

Do Timbira e Gamela as grandes tabas;  
E largo em roda na floresta imperem,  
Que o mundo em peso, unidas, afrontaram!

Nascia a aurora: do Gamela s hostes  
Em pé, na praia, mensageiro aguardam  
Sisudos, graves, Um caudal regato,  
Cujo branco areial a prata imita,  
Serenos ali volvia as mansas águas,  
Como que triste de as levar ao rio,  
Que ao mar conduz a rápida torrente  
Por entre a selva umbrosa e brocas penhas.  
Esta a praia! – em redor troncos gigantes,  
Que a folhagem no rio debruçavam,  
Onde beber frescor os galhos vinham,  
Cuxuriando em viço! – penduradas  
Trepadeiras gentis da coma excelsa,  
Estrelando do bosque o verde manto  
Aqui, ali, de flores cintilantes,  
Meneiavam-se ao vento, como fitas,  
De que se enastra a coma a virgem bela.  
Era um prado, uma várzea, um tabuleiro  
Com mimoso tapiz de várias flores,  
Agrestes, sim, mas belas, Gênio amigo  
Chegou-lhe só a mágica vergasta!  
Ei-las a prumo ao logo da corrente  
Com requebros louçãos a enamorá-la!

A nós de embira aos troncos amarradas  
Quase igaras em conto figuravam  
Ousada ponte no correr das águas  
Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurecei, notando  
O imigo poderio, e seu mau grado  
Vai lá consigo mesmo discorrendo:  
“Muitos, certo e as nossas tabas forte,  
Itajubá invencível; mas da guerra  
É sempre incerto o azar e sempre vário!  
E... quem sabe? – talvez... mas nunca, oh! nunca!  
Itajubá! Itajubá! – onde há no mundo  
Posses que valham contrastar seu nome?  
Onde a seta que valha derriba-lo,  
E a tribo ou povo que os Timbiras vençam?!”

Entre as hostes que a si tinha fronteiras  
Penetra! – tão galhardo era o seu gesto,  
Que os Gamelas em si tão bem disseram:  
– Missão de paz o traga, que se os outros  
São tão feros assim, Tupã nos valha,  
Sim, Tupã; que o não pode o rei das selvas!”

Hospedagem sincera entanto of'recem  
A quem talvez não tardará busca-los  
Com fina seta no leal combate.  
Às igaras o levam pressurosos,  
Servem-lhe o piraquém na guerra usado,  
E os loiros sons so colmeal agreste;  
Servem-lhe amigos suculento pasto  
/em banquete frugal; servem-lhe taças  
(A ver se mais que a fome o instiga a sede)  
Do espumoso cauim, – taças pesadas  
Na funda noz da sapucaia abertas.

Sem temor o timbira vai provando  
O mel, o piraquém, as iguarias;  
Mas dos vinhos coíbe-se prudente.

Em remoto lugar forma conselho  
O rei da selvas, Gurupema, em quanto  
Restaura o mensageiro os lassos membros.  
Chama primeiro Cab-oçu valente;  
As ríspidas melenas corridias  
Cortam-lhe o rosto, – Pendem-lhe nas costas,  
Hirtas e lesas, como o junco em feixes  
Acamados no leito ressequido  
D’invernosa corrente, O rosto feio  
Aqui, ali negreja manchas negras  
Como da bananeira a larga folha,  
Colhida ao romper d’alva, qu’uma virgem  
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!  
Como senta fera almeja sangue  
E de malvada ação cruel se paga.  
Apressou em combate um seu contrário,  
Que mais imigo tinha entre os imigos:  
Da guerra os duros vínculos lançou-lhe  
E à terreiro o chamou, como é de usança  
Para o triunfo bélico adornado.  
Fizeram-lhe terreiro os mais d’entorno:  
Ele do sacrifício empunha a maça,  
Impropérios assaca, vibra o golpe,  
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes  
No crânio fulminado: jorra o sangue  
No rosto, e em gorgulhões se expande o cérebro,  
Que a fera humana rábida mastiga!  
E em quanto limpa à desgrenhada coma  
Do sevo pasto o esqualido sobejo,  
Bárbaras hostes do Gamela torcem,  
À tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepsiaba, o forte entre os mais fortes,  
Taiatu, Taiatinga, Nupançaba,  
Tucura o ágil, Cravatá sombrio,  
Andira, o sonhador de agouros tristes,  
Que ele é primeiro a desmentir co’as armas,  
Pirera que jamais não foi vencido,  
Itapeba, rival de Gurupema,  
Oquena, que por si vale mil arcos,  
Escudo e defesa dos seus que ampara;  
E outros, e muitos outros, cuja morte  
Não foi sem glória no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,  
“Antes de ouvir o mensageiro estranho,  
Consultar-vos me é força; a nós incumbe  
Vingar do rei da selva a morte indigna.  
Do que morreu, em que lhe seja eu filho,  
E a todos nós da gloriosa herança  
Compete o desagravo. Se nos busca  
O filho de Jaguar, é que nos teme;  
A nossa fúria por ventura intenta  
Voltar a mais amigo sentimento.  
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas  
Com larga pompa nos envia agora:  
Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamam.

Notai porém quanto é pujante o chefe,  
Que os Timbiras dirige. Sempre o segue  
Fácil vitória, e mesmo antes da luta  
As galas triunfais dispõe seguro.

Embora, dizem uns; outros murmuram,  
Que de tão grande herói, qualquer que seja  
A oferta expiatória, em bem, se aceite.  
Vacilam no conselho. A injúria é grande,  
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.  
“Se o orgulho desce a ponto no Timbira,  
Que pazes nos propõe, diz Itapeba  
Com dura voz e cavernoso acento,  
Já está vencido! – Alguém pensa o contrário  
(E com despeito a Gurupema encara)  
Alguém, não eu! Se havemos de barato  
Dar-lhe a vitória, humildes aceitando  
O triste câmbio (a idéia só me irrita)  
De um morto por um arco tão valente,  
Aqui as armas vis faço pedaços  
Em breve trato, e vou-me a ter com esse,  
Que sabe leis ditar, mesmo vencido!”  
Como tormenta, que rouqueja ao longe  
E som confuso espalha em surdos ecos;  
Como rápida flecha corta os ares,  
Já perto soa, já mais perto brame,  
Já sobranceira enfim roncando estala;  
Nasce fraco rumor que logo cresce,  
Avulta, ruge, horrissono ribomba.  
Oquena! Oquena! o herói nunca vencido,  
Com voz troante e procelosa exclama,  
Dominando o rumor, que longe Esaú:

“Fujam tímidas aves aos lampejos  
Do raio abrasador, – medrosas fujam!  
Mas não será que o herói se acanhe ao vê-los!  
Itapeba, só nós somos guerreiros;  
Só nos, que a olhos nus fitando o raio,  
Da glória a senda estreita à par trilhamos.  
Tens em mim quanto sou e quanto valho,  
Armas e braço enfim!”

Eis rompe a densa  
Turba que d'entorno d'Itapeba  
Formidável barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,  
Serenos o aspecto, plácidos o semblante,  
À fúria popular se apresentavam  
De constância e valor somente armados.  
Eram escolhos gêmeos, empinados,  
Que a fúria de um vulcão ergueu nos mares.  
Eterno ali serão co'os pés no abismo,  
Com os negros cimos devassando as nuvens,  
Se outra força maior os não afunda.  
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas  
Do fundo pego à flor do mar borbulham!

Estranha a turba, e pasma o desusado  
Arrojo, que jamais assim não viram!  
Mas mais que todos Caba-oçu valente

Enleva-se da ação que o maravilha;  
E de nobre furor tomado e cheio,  
Clama altivo: “Eu também serei convosco,  
Eu também, que a só mercê vos peço  
De haver às mãos o pérfido Timbira.  
Seja, o que mais lhe apraz invulnerável,  
Que d’armas não careço por vence-lo.  
Aqui o tenho, – aqui comigo o aperto,  
Estreitamente o aperto nestes braços,  
(E os braços mostra e os peitos musculosos)  
Há-de medir a terra já vencido,  
E orgulho e vida perderá co’o sangue,  
Arrã soprada, que um menino espoca!”

E bate o chão, e o pé na areia enterra,  
Orgulhoso e robusto: o vulgo aplaude,  
De prazer rancor soltando gritos  
Tão altos, tais, como se ali tivera  
Aos pés, rendido e morto o herói Timbira.

Por entre os alvos dentes que branquejam,  
Ri-se o prazer nos lábios do Gamela.  
Aos rosto a cor lhe sobe, aos olhos chega  
Fugaz clarão da raiva que aos Timbiras  
Votou de há muito, e mais que tudo ao chefe,  
Que o espólio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silêncio impondo  
Alegre aos três a mão calosa of’rece,  
Rompendo nestas vozes: “Desde quando  
Cabe ao soldado pleitear combates  
E ao chefe em ócio viver seguro?  
Guerreiros sois, que os atos bem no provam;  
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,  
Guerreiro tão bem sou, e onde se ajuntam  
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos!  
Serei convosco, disse. – E aos três se passa.

Soam batidos arcos, rompem gritos  
Do festivo prazer, sobe de ponto  
O ruidoso aplaudir, Só Itapeba,  
Que ao seu rival deu azo de triunfo,  
Mal satisfeito e quase irado rosna.

Um Tapuia, guerreiro adventício,  
Filhado acaso à tribo dos Gamelas,  
Pede atenção, – prestam-lhe ouvidos todos.  
Estranho é certo; porém longa vida  
A velhice robusta lhe autoriza.  
Muito há visto, sofreu muitos reveses,  
Longas terras correu, aprendeu muito;  
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?  
Ninguém o sabe: ele não o disse nunca.  
Que vida teve, a que nação pertence,  
Que azar o trouxe à tribo dos Gamelas?  
Ignora-se também. Nem mesmo o chefe  
Perguntar-lhe se atreve. É forte, é sábio,  
É velho e experiente, o mais que importa?  
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.  
Se à caça os aconselha, a caça abunda;  
Se à pesca, os rios cobrem-se de peixes;  
Se à guerra, ai da nação que ele indigita!  
Valem seus ditos mais que valem sonhos,

E acerta mais que os piagas nos conselhos.

Mancebo (assim diz ele a Gurupema)  
“Já vi o que por vós não será visto, Imensas tabas, bárbaros imigos,  
como nunca os vereis; andei já tanto,  
Que o não fareis, andando a vida inteira!  
Estranhos casos vi, chefes pujantes!  
Tabira, o rei dos bravos Tobajaras,  
Alquíndar, que talvez já não exista,  
Iperu, Jepipó de Mambucaba,  
E Coniã, rei dos festins guerreiros;  
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,  
Ação, que eu saiba, de tão grandes Cabos,  
Como a vossa não foi, – nem tal façanha  
Fizeram nunca, e sei que foram grandes!  
Itapeba entre os seus não encontraras,  
Que não pagasse com seu sangue o arrojo  
Se tanto as claras por-se-lhes contrário.  
Mas quem do humano sangue derramado  
Por ventura se peja? – em que logares  
A glória da peleja horror infunde?  
Ninguém, nenhures, ou somente aonde,  
Ou só aquele que já viu infunde  
Cruas vagas de sangue; e os turvos rios  
Mortos por tributo ao mar volvendo.  
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista  
do humano sangue saciou-me a sede.  
Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos:  
Da sua tentativa o rei das selvas  
Teve por prêmio o lacrimoso evento:  
E era chefe brioso e bom soldado!  
Só não pode sofrer que alguém dissesse  
Haver outro maior tão perto dele!  
A vaidade o cegou! hardida empresa  
Cometeu, mas por si: de fora, e longe  
Os seus o viram deslindas seu pleito.  
Vencido foi... a vossa lei de guerra,  
Bárbara, sim, mas lei, – dava ao Timbira  
Usar, com ele usou, do seu triunfo.  
A que pois fabricar novos combates?  
Por que empreende-los nós, quando mais justos  
Os Timbiras talvez mover poderam?  
Que vos importa a vós vencer batalhas?  
Tendes rios piscosos, fundas matas,  
Inúmeros guerreiros, tabas fortes;  
Que mais vos é mister? Tupã é grande:  
De um lado o mar se estende sem limites,  
Pingues florestas d’outro lado correm  
Sem limites também. Quantas igaras  
Quantos arcos houvermos, nas florestas,  
No mar, nos rios caberão às largas:  
Por que então batalhar? por que insensatos,  
Buscando o inútil, necessário aos outros,  
Sangue e vida arriscar em néscias lutas?  
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda  
Do chefe desdidoto e frio corpo,  
Aceite-se... se não... voltemos sempre,  
Ou com ele, ou sem ele, às nossas tabas,  
Às nossas tabas mudas, lacrimosas,  
Que hão-de certo enlutar nossos guerreiros,  
Quer vencedores voltem quer vencidos.”

Do forasteiro, que tão solto fala

E tão livre argumenta, Gurupema  
Pesa a prudente voz, e alfim responde:  
Tupã decidirá,” – Oh! não decide,  
(Como consigo diz o forasteiro)  
Não decide Tupã humanos casos,  
Quando imprudente e cego o homem corre  
D’ encontro ao fado seu: não valem sonhos,  
Nem da prudência meditado aviso  
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!”

O chefe dos Gamelas não responde:  
Vai pensativo demandando a praia,  
Onde o Timbira mensageiro o aguarda.

Reina o silêncio, sentam-se na arena,  
Jurucei, Gurupema e os mais com eles.  
Amiga recepção, – ali não viras  
Nem pompa oriental, nem galas ricas,  
Nem armados salões, nem corte egrégia,  
Nem régios passos, nem caçoilas fundas,  
Onde a cheirosa goma se derrete.  
Era tudo singelo, simples tudo,  
Na carência do ornato – o grande, o belo.  
Na própria singeleza a majestade  
Era a terra o palácio, as nuvens teto,  
Colunatas os troncos gigantescos,  
Balcões os montes, pavimento a relva,  
Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descansados.  
Como festiva taça num banquete,  
O cachimbo de paz, correndo em roda,  
Se fumo adelgado cobre os ares.  
Almejam, sim, ouvir o mensageiro,  
E mudos são contudo: não dissera,  
Quem quer que os visse ali tão descuidoso,  
Que ardor inquieto e fundo os ansiava.

O forte Gurupema alfim começa  
Após cômruo silêncio, em voz pausada:  
Saúde ao núncio do Timbira! disse.  
Tornou-lhe Jurucei: “Paz aos Gamelas,  
Renome e glória ao chefe seu preclaro!  
– A que vens pois? Nós te escutamos: fala  
“Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,  
À mercê da corrente, o arco e as setas  
Feitas pedaços, por mim mesmo inúteis.”

“E de to ver folguei; mas quero eu mesmo  
Ouvir dos lábios teus quanto imagino.  
Acata-me Itajubá, e de medroso  
Tenta poupar aos seus tristeza e luto?  
A flor das Tabas suas, talvez manda  
Trazer-me o corpo e as armas do Gamela,  
Vencido, em mal, no desleal combate!  
Pois seja, que talvez não queira eu sangue,  
E do justo furor quebrando as setas...  
Mas dize-o tu primeiro... Nada temas,  
É sagrado entre nós guerreiro inerte,  
E mais sagrado o mensageiro estranho.”

Treme de pasmo e cólera o Timbira,  
Ao ouvir tal discurso. – Mais surpreso

Não fica o pescador, que mariscando  
Vai na maré vazante, quando avista  
Envolto em lodo um tubarão na praia,  
Que reputa sem vida, passa rente,  
E co'as malas da rede acaso o açoita  
E a desleixo; – feroz o monstro acorda  
E escancarando as fauces mostra nelas  
Em sete filas alinhada a morte!  
Tal ficou Jurecei, – não de receio,  
Mas de surpresa atônito, – o contrário,  
Que de o ver merencório não se agasta,  
A que proponha o seu encargo o anima.

“Não ignavo temor a voz me embarga,  
Emudeço de ver quão mal conheces  
Do filho de Jaguar os altos brios!  
Esta a mensagem que por mim vos manda:  
Três grandes tabas, onde heróis pululam,  
Tantos e mais que nós, tanto e mais bravos,  
Caídas a seus pés a voz lhe escutam.  
Não quer dos vossos derramar mais sangue:  
Tigre cevado em carnes palpitante,  
Rejeita a fácil presa; nem o tenta  
De perjuros haver troféus sem glória.  
Em quanto pois a maçã não sopesa,  
Em quanto no carcaz dormem-lhe as setas  
Imóveis – atendei! – cortai no bosque  
Troncos robustos e frondosas palmas  
E novas tabas construí no campo,  
Onde o corpo caiu do rei das sevas,  
Onde empastado inda enrubece a terra  
Sangue daquele herói que vos infama!  
Aquela briga enfim de dois, tamanhos,  
Sinalai; porque estranho caminheiro  
Amigas vendo e juntas nossas tabas  
E a fê que usais guardar, sabendo, exclame:  
Vejo um povo de heróis, e um grande chefe!”  
Em quanto escuta o mensageiro estranho,  
Gurupema, talvez sem que o sentisse,  
Vai pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.  
A baça cor do rosto é sempre a mesma,  
O mesmo o aspecto, – a válida postura  
A quem de longe vê, somente indica  
Vigor descomunal, e a gravidade  
Que os próprios Índios por incrível notam.  
Era uma estátua, exceto só nos olhos,  
Que por entre as em vão caídas pálpebras  
Clarão funéreo derramava entorno.

Quero ver que valor mostras nas armas,  
(Diz ao Timbira, que a resposta agrada)  
Tu que arrogante, em frases descorteses,  
Guerra declaras, quando paz of'reces.  
Quebraste o arco teu quando chegaste,  
O meu te of'reço! O quebrador dos arcos  
Nos dons por certo liberal se mostra,  
Quando o seu arco of'rece: julga e pasma!”

Do pejado carcaz tira uma seta,  
Na corda a ajeita, – o arco entesa e curva,  
Atira, – soa a corda, a flecha voa  
Com silvos de serpente. Sobre a copa  
Duma arvore frondosa descansava

Há pouco um cenembi, – flechado agora  
Despenha-se no rio, sopra iroso,  
A cortante serrilha embora erriça,  
Co'a dura cauda embora açoita as águas;  
A corrente o conduz, e em breve trato  
O hastil da flecha sobrenada a prumo.

Poderá Jurecei, alçando o braço,  
Poupar ação tão baixa àqueles bosques,  
Onde os guerreiros de Itajubá imperam.  
Imóvel, mudo contemplou o rio  
Se chôfre o cenembi cair flechado,  
Lutar co'a morte, ensangüentando as águas,  
Desaparecer, – a voz por fim levanta:

“Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:  
Tu, que medroso em face d'Itajuba  
Não ousaras tocar o p'que o vento  
Nas folhas dos seus bosques deposita;  
Senhor das selvas, que de longe o insultas,  
Por que me vês aqui cozinho e fraco,  
Fraco e sem armas, onde armado imperas;  
Senhor das selvas (que antes flecha acesa  
Sobre os tetos houvesse arrojado,  
Onde as mulheres tens e os filhos caros),  
Nunca miraste um alvo mais funesto  
Nem tiro mais fatal vibraste nunca.  
Com lágrimas de sangue hás de chora-lo,  
Maldizendo o lugar, o ensejo, o dia,  
O braço, a força, o ânimo, o conselho  
Do delito infeliz que vai perder-te!  
Eu, sozinho entre os teus que me rodeiam,  
Sem armas, entre as armas que descubro,  
Sem medo, entre os medrosos que me cercam,  
Em tanta solidão seguro e ousado,  
Rosto a rosto contigo, e no teu campo.  
Digo-te, ó Gurupema, , ó rei das selvas,  
Que és vil, qu'és fraco!

Sibilante flecha

Rompe da turva-multa e crava o braço  
Do ousado Jurecei, qu'inda falava.

“É seguro entre vós guerreiro inerte,  
E mais seguro o mensageiro estranho!  
Disse com riso mofador nos lábios.  
Aceito o arco, ó chefe, e a trega flecha,  
Que vos hei-de tornar, ultriz da ofensa  
Infame, que Aimorés nunca sonharam!  
Ide , correi, quem cós impede a marcha?  
Vingai esta corrente, não mui longe  
Os Timbiras estão! – Voltai da empresa  
Com este feito heróico rematado;  
Fugi, se vos apraz; fugi, cobarde!  
Vida por gota pagareis meu sangue;  
Por onde quer que fordes de fugida  
Vai o fero Itajubá perseguir-vos  
Por água ou terra, ou campos, ou florestas;  
Tremei!...

E como o raio em noite escura  
Cegou, desapareceu! De timorato  
Procura Gurupema o autor do crime,  
E autor lhe não descobre; inquire... embalde!  
Ninguém foi, ninguém sabe, e todos viram.

FIM

## **I - Juca Pirama, de Gonçalves Dias**

### **Fonte:**

DIAS, Gonçalves. Antologia Poética. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.  
Colaboração de Sandra M.P. Marinho e Luiz A. Faria

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

NUPIILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística  
<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **I - JUCA PIRAMA Gonçalves Dias**

### **I**

No meio das tabas de amenos verdores,  
Cercadas de troncos – cobertos de flores,  
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,  
Temíveis na guerra, que em densas coortes  
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,  
Já prélios incitam, já cantam vitória,  
Já meigos atendem à voz do cantor:  
São todos Timbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome lá voa na boca das gentes,  
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,  
As armas quebrando, lançando-as ao rio,  
O incenso aspiraram dos seus maracás:  
Medrosos das guerras que os fortes acendem,  
Custosos tributos ignavos lá rendem,  
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,  
Onde ora se aduna o concílio guerreiro  
Da tribo senhora, das tribos servis:  
Os velhos sentados praticam d'outrora,  
E os moços inquietos, que a festa enamora,  
Derramam-se em torno dum índio infeliz.

Quem é? – ninguém sabe: seu nome é ignoto,  
Sua tribo não diz: – de um povo remoto  
Descende por certo – dum povo gentil;  
Assim lá na Grécia ao escravo insulano  
Tornavam distinto do vil muçulmano  
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro  
Nas mãos dos Timbiras: – no extenso terreiro  
Assola-se o teto, que o teve em prisão;  
Convidam-se as tribos dos seus arredores,  
Cuidosos se incubem do vaso das cores,  
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira  
Entesa-se a corda da embira ligeira,  
Adorna-se a maça com penas gentis:  
A custo, entre as vagas do povo da aldeia  
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,  
Garboso nas plumas de vários matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,  
Afeitas ao rito da bárbara usança,  
Índio já querem cativo acabar:  
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,  
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,  
Sombreia-lhe a fronte gentil canitar,

## II

Em fundos vasos d'alvacenta argila  
Ferve o cauim;  
Enchem-se as copas, o prazer começa,  
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,  
Sentado está,  
O prisioneiro, que outro sol no ocaso  
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,  
Mostra-lhe o fim  
Da vida escura, que será mais breve  
Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto  
Secos estão;  
Mudos os lábios não descerram queixas  
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,  
Em rugas faz  
A mentirosa placidez do rosto  
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta  
No passo horrendo?  
Honra das tabas que nascer te viram,  
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes  
Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos  
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,  
Lá murcha e pende:  
Somente ao tronco, que devassa os ares,  
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que ele caísse,  
Como viveu;  
E o caçador que o avistou prostrado  
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes  
Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos  
Da fria morte.

### III

Em larga roda de novéis guerreiros  
Ledo caminha o festival Timbira,  
A quem do sacrificio cabe as honras,  
Na frente o canitar sacode em ondas,  
O enduape na cinta se embalança,  
Na destra mão sopesa a iverapeme,  
Orgulhoso e pujante. – Ao menor passo  
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,  
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,  
Como que por feitiço não sabido  
Encantadas ali as almas grandes  
Dos vencidos Tapuias, inda chorem  
Serem glória e brasão d'imigos ferros.

"Eis-me aqui", diz ao índio prisioneiro;  
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,  
"As nossas matas devassaste ousado,  
"Morrerás morte vil da mão de um forte."

Vem a terreiro o mísero contrário;  
Do colo à cinta a muçurana desce:  
"Dize-nos quem és, teus feitos canta,  
"Ou se mais te apraz, defende-te." Começa  
O índio, que ao redor derrama os olhos,  
Com triste voz que os ânimos comove.

### IV

Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,  
Que agora anda errante  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci;

Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do Norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,  
De tribos imigas,  
E as duras fadigas  
Da guerra provei;  
Nas ondas mendaces  
Senti pelas faces  
Os silvos fugaces  
Dos ventos que amei.

Andei longes terras  
Lidei cruas guerras,  
Vaguei pelas serras  
Dos vis Aimoréis;  
Vi lutas de bravos,  
Vi fortes – escravos!  
De estranhos ignavos  
Calcados aos pés.

E os campos talados,  
E os arcos quebrados,  
E os piagas coitados  
Já sem maracás;  
E os meigos cantores,  
Servindo a senhores,  
Que vinham traidores,  
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo,  
Meu último amigo,  
Sem lar, sem abrigo  
Caiu junto a mi!  
Com plácido rosto,  
Serenos e composto,  
O acerbo desgosto  
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado  
Já cego e quebrado,  
De penas ralado,  
Firmava-se em mi:  
Nós ambos, mesquinhos,  
Por ínvios caminhos,  
Cobertos d'espinhos  
Chegamos aqui!

O velho no entanto  
Sofrendo já tanto  
De fome e quebranto,  
Só qu'ria morrer!  
Não mais me contenho,  
Nas matas me embrenho,  
Das frechas que tenho  
Me quero valer.

Então, forasteiro,  
Caí prisioneiro  
De um troço guerreiro  
Com que me encontrei:  
O cru dessossêgo  
Do pai fraco e cego,  
Enquanto não chego  
Qual seja, – dizei!

Eu era o seu guia  
Na noite sombria,  
A só alegria  
Que Deus lhe deixou:  
Em mim se apoiava,  
Em mim se firmava,  
Em mim descansava,  
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado  
De penas ralado,  
Já cego e quebrado,  
Que resta? – Morrer.  
Enquanto descreve  
O giro tão breve  
Da vida que teve,  
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,  
Mas forte, mas bravo,  
Serei vosso escravo:  
Aqui virei ter.  
Guerreiros, não coro  
Do pranto que choro:  
Se a vida deploro,  
Também sei morrer.

V

Soltai-o! – diz o chefe. Pasma a turba;  
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,  
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!  
Brada segunda vez com voz mais alta,  
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,  
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

Timbira, diz o índio enternecido,  
Solto apenas dos nós que o seguravam:  
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,  
Tu que assim do meu mal te comoveste,  
Nem sofres que, transposta a natureza,  
Com olhos onde a luz já não cintila,  
Chore a morte do filho o pai cansado,  
Que somente por seu na voz conhece.  
– És livre; parte.  
– E voltarei.  
– Debalde.  
– Sim, voltarei, morto meu pai.  
– Não voltes!  
É bem feliz, se existe, em que não veja,  
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!

– Acaso tu supões que me acobardo,  
Que receio morrer!  
– És livre; parte!  
– Ora não partirei; quero provar-te  
Que um filho dos Tupis vive com honra,  
E com honra maior, se acaso o vencem,  
Da morte o passo glorioso afronta.

– Mentiste, que um Tupi não chora nunca,  
E tu choraste!... parte; não queremos  
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobreteve o Tupi: – arfando em ondas  
O rebater do coração se ouvia  
Precípite. – Do rosto afogueado  
Gélidas bagas de suor corriam:  
Talvez que o assaltava um pensamento...  
Já não... que na enlutada fantasia,  
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,  
Do velho pai a moribunda imagem  
Quase bradar-lhe ouvia: – Ingrato! Ingrato!  
Curvado o colo, taciturno e frio.  
Espectro d’homem, penetrou no bosque!

## VI

– Filho meu, onde estás?  
– Ao vosso lado;  
Aqui vos trago provisões; tomai-as,  
As vossas forças restaurai perdidas,  
E a caminho, e já!  
– Tardaste muito!  
Não era nado o sol, quando partiste,  
E frouxo o seu calor já sinto agora!  
– Sim demorei-me a divagar sem rumo,  
Perdi-me nestas matas intrincadas,  
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;  
Convém partir, e já!  
– Que novos males  
Nos resta de sofrer? – que novas dores,  
Que outro fado pior Tupã nos guarda?  
– As setas da aflição já se esgotaram,  
Nem para novo golpe espaço intacto  
Em nossos corpos resta.  
– Mas tu tremes!  
– Talvez do afã da caça...  
– Oh filho caro!  
Um quê misterioso aqui me fala,  
Aqui no coração; piedosa fraude  
Será por certo, que não mentes nunca!  
Não conheces temor, e agora temes?  
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,  
E contra o seu querer não valem brios.  
Partamos!... –  
E com mão trêmula, incerta  
Procura o filho, tateando as trevas  
Da sua noite lúgubre e medonha.  
Sentindo o acre odor das frescas tintas,  
Uma idéia fatal ocorreu-lhe à mente...  
Do filho os membros gélidos apalpa,

E a dolorosa maciez das plumas  
Conhece estremecendo: – fuge, volta,  
Encontra sob as mãos o duro crânio,  
Despido então do natural ornato!...  
Recua aflito e pálido, cobrindo  
Às mãos ambas os olhos fulminados,  
Como que teme ainda o triste velho  
De ver, não mais cruel, porém mais clara,  
Daquele exício grande a imagem viva  
Ante os olhos do corpo afigurada.  
Não era que a verdade conhecesse  
Inteira e tão cruel qual tinha sido;  
Mas que funesto azar correria o filho,  
Ele o via; ele o tinha ali presente;  
E era de repetir-se a cada instante.  
A dor passada, a previsão futura  
E o presente tão negro, ali os tinha;  
Ali no coração se concentrava,  
Era num ponto só, mas era a morte!

– Tu prisioneiro, tu?  
– Vós o dissestes.  
– Dos índios?  
– Sim.  
– De que nação?  
– Timbiras.  
– E a muçurana funeral rompeste,  
Dos falsos manitôs quebrastes maça...  
– Nada fiz... aqui estou.  
– Nada! –  
Emudecem;  
Curto instante depois prossegue o velho:  
– Tu és valente, bem o sei; confessa,  
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!  
– Nada fiz; mas souberam da existência  
De um pobre velho, que em mim só vivia....  
– E depois?...  
– Eis-me aqui.  
– Fica essa taba?  
  
– Na direção do sol, quando transmonta.  
– Longe?  
– Não muito.  
– Tens razão: partamos.  
– E quereis ir?...  
– Na direção do acaso.

## VII

"Por amor de um triste velho,  
Que ao termo fatal já chega,  
Vós, guerreiros, concedestes  
A vida a um prisioneiro.  
Ação tão nobre vos honra,  
Nem tão alta cortesia  
Vi eu jamais praticada  
Entre os Tupis, – e mas foram  
Senhores em gentileza.

"Eu porém nunca vencido,  
Nem nos combates por armas,  
Nem por nobreza nos atos;  
Aqui venho, e o filho trago.  
Vós o dizeis prisioneiro,  
Seja assim como dizeis;  
Mandai vir a lenha, o fogo,  
A maçã do sacrifício  
E a muçurana ligeira:  
Em tudo o rito se cumpra!  
E quando eu for só na terra,  
Certo acharei entre os vossos,  
Que tão gentis se revelam,  
Alguém que meus passos guie;  
Alguém, que vendo o meu peito  
Coberto de cicatrizes,  
Tomando a vez de meu filho,  
De haver-me por se ufane!"  
Mas o chefe dos Timbiras,  
Os sobrolhos encrespando,  
Ao velho Tupi guerreiro  
Responde com tórvo acento:

– Nada farei do que dizes:  
É teu filho imbele e fraco!  
Aviltaria o triunfo  
Da mais guerreira das tribos  
Derramar seu ignóbil sangue:  
Ele chorou de cobarde;  
Nós outros, fortes Timbiras,  
Só de heróis fazemos pasto. –

Do velho Tupi guerreiro  
A surda voz na garganta  
Faz ouvir uns sons confusos,  
Como os rugidos de um tigre,  
Que pouco a pouco se assanha!

### VIII

"Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
Possas tu, descendente maldito  
De uma tribo de nobres guerreiros,  
Implorando cruéis forasteiros,  
Seres presa de via Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra,  
Sem arrimo e sem pátria vagando,  
Rejeitado da morte na guerra,  
Rejeitado dos homens na paz,  
Ser das gentes o espectro execrado;  
Não encontres amor nas mulheres,  
Teus amigos, se amigos tiveres,  
Tenham alma inconstante e falaz!

"Não encontres doçura no dia,  
Nem as cores da aurora te ameiguem,

E entre as larvas da noite sombria  
Nunca possas descanso gozar:  
Não encontres um tronco, uma pedra,  
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a frente pousar.

"Que a teus passos a relva se torre;  
Murchem prados, a flor desfaleça,  
E o regato que límpido corre,  
Mais te acenda o vesano furor;  
Suas águas depressa se tornem,  
Ao contacto dos lábios sedentos,  
Lago impuro de vermes nojentos,  
Donde fujas com asco e terror!

"Sempre o céu, como um teto incendiado,  
Creste e punja teus membros malditos  
E oceano de pó denegrado  
Seja a terra ao ignavo tupi!  
Miserável, faminto, sedento,  
Manitôs lhe não falem nos sonhos,  
E do horror os espectros medonhos  
Traga sempre o cobarde após si.

"Um amigo não tenhas piedoso  
Que o teu corpo na terra embalsame,  
Pondo em vaso d'argila cuidadoso  
Arco e frecha e tacape a teus pés!  
Sê maldito, e sozinho na terra;  
Pois que a tanta vileza chegaste,  
Que em presença da morte choraste,  
Tu, cobarde, meu filho não és."

## IX

Isto dizendo, o miserando velho  
A quem Tupã tamanha dor, tal fado  
Já nos confins da vida reservada,  
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias  
Da sua noite escura as densas trevas  
Palpando. – Alarma! alarma! – O velho pára!  
O grito que escutou é voz do filho,  
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes  
Noutra quadra melhor. – Alarma! alarma!  
– Esse momento só vale a pagar-lhe  
Os tão compridos trances, as angústias,  
Que o frio coração lhe atormentaram

De guerreiro e de pai: – vale, e de sobra.  
Ele que em tanta dor se contivera,  
Tomado pelo súbito contraste,  
Desfaz-se agora em pranto copioso,  
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,  
Gritos, imprecações profundas soam,  
Emaranhada a multidão braveja,  
Revolve-se, enovela-se confusa,  
E mais revolta em mor furor se acende.

E os sons dos golpes que incessantes fervem,  
Vozes, gemidos, estertor de morte  
Vão longe pelas ermas serranias  
Da humana tempestade propagando  
Quantas vagas de povo enfurecido  
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era ele, o Tupi; nem fora justo  
Que a fama dos Tupis – o nome, a glória,  
Aturado labor de tantos anos,  
Derradeiro brasão da raça extinta,  
De um jacto e por um só se aniquilasse.

– Basta! Clama o chefe dos Timbiras,  
– Basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste,  
E para o sacrifício é mister forças. –

O guerreiro parou, caiu nos braços  
Do velho pai, que o cinge contra o peito,  
Com lágrimas de júbilo bradando:  
"Este, sim, que é meu filho muito amado!

"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,  
"Corram livres as lágrimas que choro,  
"Estas lágrimas, sim, que não desonram."

X

Um velho Timbira, coberto de glória,  
Guardou a memória  
Do moço guerreiro, do velho Tupi!  
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava  
Do que ele contava,  
Dizia prudente: – "Meninos, eu vi!

"Eu vi o brioso no largo terreiro  
Cantar prisioneiro  
Seu canto de morte, que nunca esqueci:  
Valente, como era, chorou sem ter pejo;  
Parece que o vejo,  
Que o tenho nest'hora diante de mi.

"Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!  
Pois não, era um bravo;  
Valente e brioso, como ele, não vi!  
E à fé que vos digo: parece-me encanto  
Que quem chorou tanto,  
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!"

Assim o Timbira, coberto de glória,  
Guardava a memória  
Do moço guerreiro, do velho Tupi.  
E à noite nas tabas, se alguém duvidava  
Do que ele contava,  
Tornava prudente: "Meninos, eu vi!".

FIM

CANÇÃO DO EXÍLIO  
Gonçalves Dias

Kennst du das Land, wo die Citronen blühn,  
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühn,  
Kennst du es wohl?

Dahin, Dahin!

Möcht ich... ziehn!

Goethe

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

---

## **Novos Cantos, de Gonçalves Dias**

### **Fonte:**

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro : José Aguilar, 1959. p.259-281. (Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Roberto Dauar – São Paulo /SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **NOVOS CANTOS Gonçalves Dias**

### **O HOMEM FORTE**

O modesto varão constante e justo  
Pensa e medita nas lições dos sábios  
E nos caminhos da justiça eterna  
    Gradua firme os passos.

O brilho da sua lama não mareia  
A luz do sol, nem do carvão se tísna;  
Morre pelo dever, austero e crente,  
    Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seus feitos,  
Negar-lhe a inveja o mérito subido;  
Pode em seu dano conspirar-se o mundo  
    E renegá-lo a pátria!

Tão modesto no paço de Lóculo  
Como encerrado no tonel do Grego,  
Nem o transtorna a aragem da ventura,  
    Nem a desgraça o abate.

A tiranos preceitos não se humilha,  
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,  
Não faz calar da consciência o grito,  
    Não nega os seus princípios.

Antes, seguro e firme e confiado  
No tempo, vingador das injustiças,  
Co's pés no cadafalso e a vista erguida  
    Se mostra imperturbável.

Sofre mártir e expira! A pátria em torno  
Do seu sepulcro o chora, onde a virtude,

Afeita ao luto e à dor, de novo carpe  
Do justo a flébil morte!

#### DIES IRAE

Jaz o mundo corrupto! – a terra ingrata  
Frutos de maldição produz somente;  
E em quanto os homens ao mercado afluem,  
Vazio o templo do Senhor se enluta,  
Empoeira-se o altar, e pelas naves,  
Gretadas, rotas pela mão do tempo,  
De cânticos e preces deslembadas,  
A voz de Deus já não reboa imensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto:  
O sol girando, e na aparência o mesmo,  
Do ano as quadras compassado alterna;  
E os astros, seus irmãos, gravitam sempre  
D'abóbada celeste. A terra é a mesma;  
As águas pelos vales se deslizam,  
Ou d'alpestres montanhas se despenham  
Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas  
Inda conversam nos soturnos bosques;  
A mulher, a mais bela criatura,  
Nas suas próprias perfeições compraz-se,  
Como quando, noEden, as pulcras formas  
Pasmou de ver representadas n'água,  
E de as ver se ufanou. Inda conserva  
O mesmo orgulho e inteligência o homem,  
O rei da criação, o deus criado,  
De quando vinham, por pedir-lhe os nomes,  
Cetáceos, aves e os répteis e aquelas  
Criaturas-montanhas, que passaram  
Entre Adão e Noé à flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,  
Esse mundo interior, esse outro templo,  
Onde gravara o próprio Deus seu nome,  
Como os templos de pedra, jaz em lume,  
Jaz como o prédio a desfazer-se em ruínas.  
Onde um guarda solícito não mora,  
E entregue as aves más, que em chilros pregam,  
Que ali, na ausência do senhor imperam.  
Da divina bondade cheio o vaso  
Já transborda de cólera i justiça  
E o largo rio do perdão saudável,  
Que mais não corra, impece: Santas águas  
Por cuja causa os séculos já viram,  
Sem justa punição, ofensas graves;  
Que o Senhor consentisse persistirem  
Os maus no mal, à espera d'emendá-los;  
Que triunfasse a malvadeza; e o crime,  
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deus, que fora outrora pai clemente,  
Dando começo ao reino da justiça,  
Eu austero juiz se há convertido.  
Como um carro, que vai d'encontro ao abismo,  
Perfaz o sol precipite o seu giro,  
Indo a tocar a temerosa meta  
Prevista dos profetas. Um arcanjo

Com mão robusta inda retém os elos  
Da cadeia do tempo, em quanto a outra  
Da vida o livro volumoso sela  
Com sete brônzeos selos. Deus ofeso  
Tira os olhos do mundo, e o mundo há sido!

Quem podera pintar as discordâncias  
Em que labora a natureza! Crescem  
Da terra ígneos vapores, sufocando  
O que respira, o que tem vida; os montes  
Em crateras se rasgam, que vomitam  
Rumo e lava incessante; o mar s'empola  
E em fúria ardendo, arroja aos altos cimos  
Cruzados vagalhões, qual se tentara  
Sovertê-los; os ventos se contrastam!  
Novos prodígios, novos monstros surgem!  
O mar se torna em sangue, o sol em fogo,  
O Universo em mansão d'aflitas fores,  
O homem sofre, blasfema e desespera,  
E vendo ou mundos desabar precipiteis,  
Um grito solta d'horroroso transe,  
Como de nau, quem alto mar s'afunda  
E rola os restos n'amplidão das águas.

Satisfiz-se o Senhor. Que resta? – O caos,  
O horror, a confusão, o vulto enorme  
Do tempo, que escurece o fundo abismo,  
Onde por todo o sempre jaz cativo;  
E da morte o cadáver gigantesco  
Quase ocupando a superfície inteira  
Dum mar de chumbo, escuro e sem rumores.  
Da glória do Senhor um raio apenas,  
Lá dos confins do espaço despedido,  
Fere da morte o rosto macilento  
De tudo quanto foi, e quanto existe!

## ESPERA

Quem há no mundo que aflições não passe,  
Que dores não suporte?  
Mais ou menos d'angústias cabe a todos,  
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras  
E de longo sofrer;  
Semelha a noite; mas fagueiros sonhos  
Podem de noite haver.

Por que então maldiremos este mundo  
E a vida que vivemos,  
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,  
Quanto mais dor sofremos?

Quantos cabelos temos, ele o sabe;  
Ele pode contar  
As folhas que há no bosque, os grãos d'areia  
Que sustentam o mar.

Como pois não será ele conosco  
No dia da aflição:

Como não há de computar as dores  
Do nosso coração?

Como há de ver-nos, sem piedade, o rosto  
Coberto d'amargura;  
Ele, senhor e pai, conforto e guia  
Da humana criatura?

Se o vento sopra, se se move a terra  
Se iroso o mar flutua;  
Se o sol rutila, se as estrelas brilha,  
Se gira a branca lua;

Deus o quis, Deus que mede a intensidade  
Da dor e da alegria,  
Que cada ser comporta – num momento  
D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra  
Alheia da ventura!  
Além da terra há céus, e Deus protege  
A toda criatura!

Viajor perdido na floresta à noite,  
Assim vago na vida;  
Mas sinto a voz que me convida.

## A SAUDADE

Saudade, ó bela flor, quando te faltem  
Coração ou jardim, onde tu cresças;  
Vem, vem ter comigo;  
Deixa os que te não seguem,  
Terás em peito amigo  
Lágrimas, que te reguem,  
Espaços, em que floresças.

Das pegadas da ausência tu despontas,  
Entre as memórias cresces do passado,  
Quando um objeto amado,  
Quando um lugar distante,  
Noite e dia,

Nos enluta e apouqueia a fantasia.  
Vem, ó Saudade, vem  
A mim também

Consolar de gemidos suspirosos  
E de partidos ais!

Oh! seja a punição dos insensíveis  
Não te sentir jamais!

Propícia Deusa, e se não fosse a esperança,  
Deusa melhor da vida; qu'insensato,  
A quem mitigas túrbidos pesares  
Haverá tão ingrato

Que te não queime incenso em teus altares?  
O presente o que é? – Breve momento  
D'incômodo ou desgraça  
Ou de prazer, que passa  
Mais veloz que o ligeiro pensamento.

Véu escuro,  
Que nem sempre a ilusão nos adelgaça,  
Nos encobre os caminhos do futuro.  
O que nos resta pois? – Resta a saudade,  
Que dos passados dias  
De mágoas e alegrias  
Bálsamo santo extrai consolador!  
Resta a saudade, que alimenta a vida  
À luz do facho qu adormenta a dor!

Hera do coração, memória dele,  
Ó Saudade, ó rainha do passado,  
Semelhas a romântica donzela  
De roupas alvejantes  
Nas ruínas de castelo levantado:  
Grinaldas flutuantes,  
Que das fendas brotaram,  
Movem-se do nordeste  
Ao sopro agudo e frio;  
Em quanto vendo-o ao longe o senhorio,  
De posses decaído,  
D'invernos alquebrado,  
Recorda triste os anos que passaram!

Em que plagas inóspitas e duras  
Não me tens sido companheira e amiga?  
Em que hora, em que instante  
De folga ou de fadiga  
Já deixei de sentir o penetrante  
Espinho teu, a repassar-me todo  
Dum prazer melancólico e suave?

Pois nasces nos desertos da tristeza,  
Ó Saudade, ó rainha do passado!  
Quando te falte gleba, onde tu cresças,  
Vem, vem ter comigo;  
Deixa os que te não seguem,  
Terás em peito amigo  
Lágrimas, que te reguem,  
Espaço, em que floresças!

Entra em meu coração, ocupa-o todo,  
Fibra por fibra enlaça-te com ele,  
Desce com ele à sepultura; e quando  
Jazer eu na eternidade,  
Minha flor, minha saudade,  
Tu procura a aura celeste,  
Rompe a terra, transforma-te em cipreste.  
Qu'enlute o meu jazigo;  
E ao meneio das ramas funerárias,  
Meu derradeiro amigo,  
Descanse morto quem viveu contigo.

## NÃO ME DEIXES

Debruçada nas águas dum regato  
A flor dizia em vão  
A corrente, onde bela se mirava...  
“Ai, não me deixes, não!  
“Comigo fica ou leva-me contigo”

“Dos mares à amplidão,  
“Límpido ou turvo, te amarei constante  
“Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava, novas águas  
Após as outras vão;  
E a flor sempre a dizer curva na fonte:  
“Ai, não me deixes, não!”

E das águas que fogem incessantes  
À eterna sucessão  
Dizia sempre a flor, e sempre embalde:  
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor murchada,  
Quase a lambar o chão,  
Buscava inda a corrente por dizer-lhe  
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,  
Leva-a do seu torrão;  
A afundar-se dizia a pobrezinha:  
“Não me deixaste, não!”

## ZULMIRA

Sonhara-te eu na veiga de Granada,  
Tapetada de flores e verdura,  
Onde o Darro e Xenil no lento giro  
Volvem a linfa pura.

Ali te vejo em leda comitiva  
Dos gentis cavaleiros do oriente,  
Quando, deposta a malha do combate,  
Vestem da paz a seda reluzente.

Ali te vejo num balcão sentada,  
Grande preço da maura arquitetura,  
Pejando as asas das noturnas brisas  
Dum canto de ternura.

Ali te vejo, sim; mas mais me agrada  
O que se m’afigura noutro instante,  
Ver-te em vistosa tenda d’ouro e sedas,  
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o séquito pomposo  
D’enucos a teu gesto vacilantes  
Em cujas fontes negras se destacam  
Alvíssimos turbantes.

E pergunto quem és? – Então me dizem  
Ciosos de guardar o seu tesouro,  
Nome tão doce aos lábios, que parece  
Escever-se em cetim com letras d’ouro.

## A UMA POETISA

- Donde vens, viajor?

- De longe venho.  
- Que viste?  
- Muitas terras.  
- E qual delas  
Mais te soube agradar?  
- São todas belas;  
Fundas recordações de todas tenho.  
- E admiraste o que?

- Ah! onde as flores  
Cada vez a manhã tornam mais linda,  
Onde gemeu Paraguaçu de amores  
E os ecos falam de Moema ainda;

Ali, Safo cristã, vigem formosa,  
A vida aos sons da lira dulcifica:  
D'escutar a sereia harmoniosa  
O de vê-la, a vontade presa fica!

#### ANGELINA

É gentil e linda e bela,  
E eu sei que m'arrouba o vê-la  
Tão divina:  
A lira seus cantos cesse;  
Mas minha alma não s'esquece  
D'Angelina!

Outro louve os seus cabelos,  
Cante a luz dos olhos belos  
Que fascina;  
E o leve sorrir donoso  
Que irradia o rosto airoso  
D'Angelina!

Os dotes diga que apura,  
Quando em lânguida postura  
Se reclina;  
Que s'ergue, se acaso passa,  
Sussurro que aplaude a graça  
D'Angelina!

Que de amor quando suspira  
O bardo quebrara a lira,  
De mofina;  
Que jamais poderam cantos  
Pintar no vivo os encantos  
D'Angelina!

Que da sua alma a pureza  
Equipara-se à beleza  
Peregrina;  
Que amor seu trono tem posto  
N'alma, no talhe e no rosto  
D'Angelina!

Eu que não sei descrevê-la,  
Só sei que me arrouba o vê-la  
Tão divina;  
A lira seus cantos cesse,  
Mas minha alma não s'esquece  
D'Angelina!

## RÔLA

Desque amor me deu que eu lesse  
Nos teus olhos minha sina,  
Ando, como a peregrina  
Rola, que o esposo perdeu!  
Seja noite ou seja dia,  
Eu te procuro constante:  
Vem, oh! vem, ó meu amante,  
Tua sou e tu és meu!

Vem, oh vem, que por ti clamo;  
Vem contentar meus desejos,  
Vem fartar-me com teus beijos,  
Vem saciar-me de amor!  
Amo-te, quero-te, adoro-te,  
Abraso-me quando em ti penso,  
E em fogo voraz, intenso,  
Anseio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,  
Vem apertar-me em teus braços,  
Estreitar-me em doces laços,  
Vem pousar no peito meu!  
Que, se amor me deu que eu lesse  
Nos teus olhos minha sina,  
Ando, como a peregrina  
Rola, que o esposo perdeu.

AINDA UMA VEZ – ADEUS! –

### I

Enfim te vejo! – enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.  
Muito penei! Cruas ânsias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado,  
A não lembrar-me de ti!

### II

Dum mundo a outro impelido,  
Derramei os meus lamentos  
Nas surdas asas dos ventos,  
Do mar na crespa cerviz!  
Baldão, ludíbrio da sorte  
Em terra estranha, entre gente,  
Que alheios males não sente,  
Nem se condói do infeliz!

### III

Louco, aflito, a saciar-me  
D'gravar minha ferida,  
Tomou-me tédio da vida,  
Passos da morte senti;

Mas quase no passo extremo,  
No último arcar da esp'rança,  
Tu me vieste à lembrança:  
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava  
Para este lugar e hora!  
Depois de tanto, senhora,  
Ver-te e falar-te outra vez;  
Rever-me em teu rosto amigo,  
Pensar em quanto hei perdido,  
E este pranto dolorido  
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?  
De mim afastas teu rosto?  
Pois tanto pode o desgosto  
Transformar o rosto meu?  
Sei a aflição quanto pode,  
Sei quanto ela desfigura,  
E eu não vivi na ventura...  
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...  
Julgas-te acaso ofendida?  
Deste-me amor, e a vida  
Que ma darias – bem sei;  
Mas lembrem-te aqueles feros  
Corações, que se meteram  
Entre nós; e se venceram,  
Mas sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!...mas devera  
Expor-te em pública praça,  
Como um alvo à populaça,  
Um alvo aos dictérios seus!  
Devera, podia acaso  
Tal sacrificio aceitar-te  
Para no cabo pagar-te,  
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,  
Que de mim t'esquecerias,  
Que, sem mim, alegres dias  
T'esperavam; e em favor  
De minhas preces, contava  
Que o bom Deus me aceitaria  
O meu quinhão de alegria  
Pelo teu quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo;  
Nadam-te os olhos em pranto,  
Arfa-te o peito, e no entanto  
Nem me podes encarar;  
Erro foi, mas não foi crime,  
Não te esqueci, eu to juro:  
Sacrifiquei meu futuro,  
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria  
Dum martírio prolongado,  
Lento, cruel, disfarçado,  
Que eu nem a ti confiei;  
“Ela é feliz (me dizia)  
Negou-me a sorte mesquinha...  
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,  
Tanta ilusão me afagava  
De noite, quando acordava,  
De dia em sonhos talvez!  
Tudo isso agora onde pára?  
Onde a ilusão dos meus sonhos?  
Tantos projetos risonhos,  
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... – Horrendo caos  
Nessas palavras se encerra,  
Quando do engano, quem erra,  
Não pode voltar atrás!

Amarga irrisão! reflete:  
Quando eu gozar-te pudera,  
Mártir quis ser, cuidei qu’era...  
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me  
Com palmas d’alta virtude!  
Que tinha eu bronco e rude  
Co’o que se chama ideal?  
O meu eras tu, não outro;  
Estava em deixar minha vida  
Correr por ti conduzida,  
Pura, na ausência do mal

XIV

Pensar eu que o teu destino  
Ligado ao meu, outro fora,  
Pensar que te vejo agora,  
Por culpa minha, infeliz;  
Pensar que a tua ventura  
deus ab eterno a fizera,  
No meu caminho a pusera...

E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e p'ra sempre!  
Eu a mísero desterro  
Volto, chorando o meu erro,  
dói-te de mim, pois me encontras  
Em tanta miséria posto,  
Que a expressão deste desgosto  
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, qu t'imploro  
Perdão, a teus pés curvado;  
Perdão!... de não ter ousado  
Viver contente e feliz!  
Perdão da minha miséria,  
Da dor que me rala o peito,  
e se do mal que te hei feito,  
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;  
Negou-me o fado inimigo  
Passar a vida contigo,  
Ter sepultura entre os meus;  
Negou-me nesta hora extrema,  
`por extrema despedida,  
Ouvir-te a voz comovida  
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia  
Meus versos, d'alma arrancados,  
D'amargo pranto banhados,  
Com sangue escritos; - e então  
Confio que te comovas,  
Que a minha dor te apiede,  
Que chores, não de saudade,  
Nem de amor, - de compaixão.

SONO

Nas horas da noite, se junto a meu leito  
Houveres acaso, meu bem, de chegar,  
Verás derepente que aspecto risonho  
Que toma o meu sonho,  
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao sono preside tranqüilo,  
Ao anjo da terra não ceda o lugar;  
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meu leito,  
Unir-me a seu peito,  
D'amor ofegar.

As notas que exalam as harpas celestes,

Os gozos, que os anjos só podem gozar,  
Talvez também frua, se ao meu peito unida  
T'encontro, ó querida,  
No meu acordar!

#### SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido dum rosto formoso,  
Se um peito extremoso – pudesse encontrar,  
E uns lábios macios, que expiram amores  
E abrandam as dores – de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,  
Votara-lhe a vida – que Deus me quis dar:  
Constante a seu lado, seus sonhos divinos  
Aos sons dos meus hinos – quisera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa  
Da amante extremosa – meus dias privar,  
De funda saudade minha alma rendida  
Votara-lhe a vida – que Deus me quis dar.

#### A FLOR DO AMOR

já lento o passo, no cair da tarde,  
Lá nos desertos d'abrasada areia,  
Que o vento agita, porém não recreia,  
da caravana o condutor parou.  
Armam-se à pressa tendas alvejante,  
Rumina plácido o frugal camelo;  
Porém a nuvem d'árabes errantes  
Se achega à presa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição noturna,  
Junto a fogueira, que derrama vida,  
Descansam todos da penosa lida  
À voz canora, que o cantor alçou!  
Confuso o ouvido um burburinho alcança,  
As armas toma o árabe prudente;  
Mas logo pensa, rejeitando a lança:  
“Foi o grunhido que o chacal soltou.”

Ouvidos todo e curioso enlevo,  
torna de novo a retomar seu posto;  
Pela fogueira alumiado o rosto,  
Bebendo as vozes que o cantor soltou;  
Semelha a terra, quando aberta em fendas  
Da noite o orvalho sequiosa espera;  
E o corcel árabe encostado às tendas  
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

“Algures cresce (o trovador cantava)  
Sempre fresca e virente e sempre bela,  
Por influxo e poder de maga estrela,  
Mimosa, pura e delicada flor!  
Jazendo em sítio escuso e solitário,  
Esforços é mister p'ra conhece-la,  
Que diz a forte lei do seu fadário  
Que a não descubra acaso o viajor.

“Alva do albor dos lírios odorosos,  
Tem a modéstia da violeta esquiva,  
e o pronto retrair da sensitiva,  
Que parece vestir-se de pudor!  
Assim, à luz da cambiante aurora,  
Mudando um poço a resplendente alvura,  
De uns toque de carmim s’ esmalta e cora  
A graciosa e pudibunda flor.

“Faz-me mais puro o ar, mais brando o clima,  
Onde cresce; amenizam-se os lugares,  
Tornam-se menos agros os pesares  
E menos viva, e quase nula a dor;  
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,  
Com doce murmúrio as águas correm,  
e o leve sopro do correr da brisa  
Volúpia embebe em mágico frescor!

“Feliz aquele que a encontrou na vida,  
Que onde ela nasce tímida e fagueira  
Não s’ enovela a mó d’ atra poeira,  
Tangida pelo simum abrasador!  
Ali sorri-se oásis venturoso,  
Qu’ entre deleites o viver matiza,  
E ao que vai triste, aflito e sem repouso  
Chama a descanso de comprido error!

“Feliz e mais que se, perdido, achara  
Conforto e auxílio no catá, seu guia,  
Que o leva a fonte perenal e fria  
Onde se apaga o sitibundo ardor.  
Tão feliz, qual talvez se o precedesse  
Que por fanal noturno lhe acendesse  
Maga estrela de límpido fulgor.

“Ai! porém do que a vê, e a não conhece,  
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,  
Ou que achando-a, desiste da ventura  
Por não entrar no oásis sedutor.  
Essa flor descoberta por acerto  
Nunca mais a verás! colhe, insensato,  
Colhe abrolhos da vida no deserto;  
Pois desprezaste a que produz o amor!”

Assim cantava o trovador; e todos  
Ouvem-no com prazer de dor travado,  
Que mais do que um talvez terá deixado  
Atrás de si a pudibunda flor!  
No entanto a nuvem d’árabes errantes  
Chega-se à presa, que avistou de longe;  
E dos corcéis, que alentam ofegante,  
Precede a marcha túrbido pavor!

E, nado o sol, aquele que passava  
Pelos desertos d’abrasada areia,  
Que o rubro sangue de cruor roxeia,  
A um lado o rosto pálido, voltou!  
Ninguém as mortes lastimáveis chora,  
Ninguém recolhe os restos inseultos,  
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,  
Sem borrifa-los, no areal ficou!

Quem saberá do seu destino agora?  
Ninguém! Somente em climas apartados  
Miseranda mulher lastima os fados  
De filho ou esposo, que jamais tornou!  
Talvez porém, trás de montões d'areia,  
Nobre corcel sem cavaleiro assoma,  
E alonga avista, de pesares cheia,  
Te onde a vida seu senhor deixou!

#### A SUA VOZ

Ouvi-a! A sua voz me despertava  
Tudo quanto de bom conservo n'alma.  
Retratado o pudor tinha no rosto,  
E um suave dizer, um timbre doce  
De voz, uma piedade estreme e santa,  
Que as mais profundas chagas amimava,  
D'ambrosia e de mel lhe ungia os lábios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,  
Mais impressiva que o cantar das aves!  
A aragem que entre flores se desliza  
E mal remexe a tímida folhagem,  
A veia de cristal que triste soa,  
O saudoso arrulhar de mansas pombas,  
As próprias notas dum cantar longínquo  
Ou de instrumento a conversar co'a noite,  
Menos que a sua voz impressionavam!

Menos que a sua voz! – Os dois mais fortes,  
Os dois mais puros sentimentos nossos  
- A saudade e o amor, - as mais profundas  
Das merencórias solidões da terra  
-As florestas e o mar, - um cismar vago,  
Um devaneio, um êxtasis sem termo  
D'alma perdida por um cu de amores,  
Tanto como a sua voz não arroubavam!

Tanto como a sua voz! – somente o foram  
Dulces notas de místicos saltérios  
Te nós de um astro em outro repetidas.  
Foi isto o que senti, quando a escutava,  
Fluente, harmoniosa, discorrendo  
Em prática singela, sobre assuntos  
Diversos, sobre flores, menos belas  
Do que o seu rosto, e céus, com ela, puros.

Mas quem na ouvira conversar de amores,  
Trouxera n'alma como uma harpa cólia,  
Dia e noite vibrando,  
Como um cantar dos anjos  
Do coração a estremecer-lhe as fibras!

#### SE MORRE DE AMOR

Se se morre de amor! – Não, não se morre,  
Quando é fascinação que nos surpreende  
De ruidoso sarau entre os festejos;  
Assomos de prazer nos raíam n'alma,  
Que embelezada e solta em tal ambiente

No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Simpáticas feições, cintura breve,  
Graciosa postura, porte airoso,  
Uma fita, uma flor entre os cabelos,  
Um quê mal definido, acaso podem  
Num engano d'amor arrebatá-los.  
Mas isso amor não é; isso é delírio,  
Devaneio, ilusão, que se esvaece  
Ao som final da orquestra, ao derradeiro  
Clarão, que as luzes no morrer despedem:  
Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,  
D'amor igual ninguém sucumbe à perda.

Amor é vida; é ter constantemente  
Alma, sentidos, coração – abertos  
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,  
D'altas virtudes, te capaz de crimes!  
Compr'ender o infinito, a imensidade,  
E a natureza e Deus; gostar dos campos,  
D'ave, flores, murmúrios solitários;  
buscar tristeza, a soledade, o ermo,  
E ter o coração em riso e festa;  
E à branda festa, ao riso da nossa alma  
Fontes de pranto intercalar se custo;  
Conhecer o prazer e a desventura  
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto  
O ditoso, o misérrimo dos entes:  
Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem  
Para dizer que amor que em nós sentimos;  
Temer qu'olhos profanos nos devessem  
O templo, onde a melhor poção da vida  
Se concentra; onde avaros recatamos  
Essa fonte de amor, esses tesouros  
Inesgotáveis, d'ilusões floridas;  
Sentir, sem que se veja, a quem se adora  
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,  
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,  
Ama-la, sem ousar dizer que amamos,  
E, temendo roçar os seus vestidos,  
Arder por afoga-la em mil abraços:  
Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão enfim transborda,  
Se tem na terra o galardão devido  
Em recíproco afeto; e unidas, uma,  
Dois seres, duas vidas se procuram,  
Entendem-se, confundem-se e penetram  
Juntas – em puro céu d'êxtasis puros;  
Se logo a mão do fado as torna estranhas,  
Se os duplica e separa, quando unidos  
A mesma vida circulava em ambos;

Que será do que fica, e do que longe  
Serve às borrascas de ludíbrio e escárnio?  
Pode o raio num píncaro caindo,  
Torna-lo dois, e o mar correr entre ambos;  
Pode rachar o tronco levantado  
E dois cimos depois verem-se erguidos,  
Sinais mostrando da aliança antiga;

Dois corações porem, que juntos batem,  
Que juntos vivem, - se os separam, morrem;  
Ou se entre o próprio estrago inda vegetam,  
Ânsias cruas resumem do proscrito,  
Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive a própria ruína,  
Ao seu viver do coração, - às gratas  
Ilusões, quando em leito solitário,  
Entre as sombras da noite, em larga insônia,  
Devaneando, a futurar venturas,  
Mostra-se e brinca a apeteçada imagem;  
Esse, que à dor tamanha não sucumbe,  
Inveja a quem na sepultura encontra  
Dos males seus o desejado termo!

### A MORTE É VÁRIA

A morte é vária e multiforme, e muda  
De trajes e de máscaras mais vezes  
    Qu'uma cansada atriz;  
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro  
D'irônico sorriso e brancos dentes,  
    E d'horrído cariz.

Nem todos seus vassalos são poeira  
No ressalto de pedra adormecidos  
    Por sob as arcarias;  
A pálida libré nem todos vestem,  
Nem sobre todos jaz murada a porta  
    Nas criptas sombrias!

Diversa a natureza é doutros mortos:  
Nestes que a sânie e podridão consomem,  
    Vê-se o nada palpável;  
Vê-se o enojo, o horror, a sombra espessa  
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,  
    Qual monstro insaciável!

Cabe a outros porém que se dor vemos  
Passar, girar no turbilhão dos vivos,  
    De carne inda vestidos,  
O nada inda encoberto; cabe a interna  
Morte, que ninguém sabe, nem chora,  
    Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos ver nos cemitérios  
As campas, ou ilustres ou sem nome,  
    De mármore ou torrão;  
Ou tenhamos ali amiga pálpebra,  
Ou não, - do teixo à sombra descansada,  
    Quer choremos, que não!

“Jazem” dizemos. Os nomes desaparecem  
Sob a relva; o verme nesses olhos  
    Enreda a teia crua!  
Por entre as pranchas do caixão despontam  
Hirtos cabelos, e em pó funéreo envolta  
    Branqueja a ossada nua.

Os herdeiros não temem que mais volte;

Esqueceram-no já: seus cães se lembram,  
Soltando uivos de dor!  
Acama-se a poeira em seus retratos:  
Já não tem mais rivais, não tem amigos,  
Nem ódios, nem amor!

Da morte o anjo, em lágrimas de pedra  
Vemos sozinho e mudo a pranteá-lo,  
Estátua da aflição:  
A cova toma o corpo, o olvido o nome  
Tem pó lençóis seis pés d'úmida terra...  
Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se voz deslize  
O pranto sobre a relva, pelo orvalho  
E chuva umedecida;  
Que na triste mansão os regozije,  
E por essa oblação enternecidos  
Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chora,  
Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso:  
“Seja o Senhor contigo.”  
Curam do morto, lavam-lhe as feridas;  
Mas a alma estala em que alguém se doa,  
Nem mesmo o mais amigo!

Há contudo pungentes agonias  
Nunca sabidas, dores horrorosas  
Mais do que se não crê;  
Almas há que tem cruz e passamento,  
Sem auréola d'oiro e a mulher pálida  
E desgrenhada – ao pé.